

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESQUEMAS PRECOCES MALADAPTATIVOS E A
REGULAÇÃO DA SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS NA ADOLESCÊNCIA**

Adriana Maria Rodrigues Moreira Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental e Integrativa

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESQUEMAS PRECOCES MALADAPTATIVOS E A
REGULAÇÃO DA SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS NA ADOLESCÊNCIA**

Adriana Maria Rodrigues Moreira Ferreira

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Sá

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental e Integrativa

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Isabel Sá por toda a orientação, disponibilidade, paciência e apoio ao longo deste ano particularmente desafiante.

Ao Diretor do Agrupamento de Escolas envolvido, que desde logo mostrou um enorme interesse e disponibilidade para colaborar neste projeto. Agradeço também à Professora Coordenadora da Escola Básica e à Professora Coordenadora de Diretores de Turma do ensino secundário, assim como a todos os professores e alunos que aceitaram participar.

Um obrigada especial às minhas amigas e colegas investigadoras, Mariana e Carolina, pelo apoio e motivação constantes durante todo o processo de desenvolvimento e escrita da presente dissertação.

À minha mãe e ao meu irmão, por todo o carinho e confiança em mim depositados, não só durante este desafio, mas desde sempre.

Aos meus grandes amigos André e Beatriz, por todas as aventuras, desabafos, experiências, amizade e apoio ao longo destes cinco anos de Mestrado Integrado. Sem vocês não teria sido a mesma coisa.

Resumo

A literatura evidencia a influência dos Esquemas Precoces Maladaptativos no bem-estar psicológico, sendo que se desenvolvem precocemente na infância e/ ou adolescência, podendo conduzir ao desenvolvimento de perturbações psicológicas na vida adulta. Paralelamente, a regulação da satisfação das necessidades psicológicas parece ser algo essencial ao bem-estar psicológico, podendo estar na origem do desenvolvimento de Esquemas Precoces Maladaptativos. Apesar da relevância destas duas variáveis para a investigação e prática clínica, a relação entre ambas foi apenas estudada em população adulta, até ao momento, pelo que a presente investigação se propõe a estudar esta relação no período da adolescência. Face às características típicas deste grupo etário, analisou-se a perspetiva dos adolescentes sobre a relação pais-filhos, a qual parece ser central na regulação da satisfação das suas necessidades.

O presente estudo recolheu uma amostra de 185 estudantes portugueses, com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos, à qual foram aplicados o Inventário de Esquemas para Crianças (IEC, Rijkeboer & de Boo, 2010 - Schema Inventory for Children; versão portuguesa de Teixeira, 2010), o Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F, Sá, 2019) e o Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ, Goodman, 1997; versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar, 2004).

As análises fatoriais realizadas revelam uma adequação tanto do IEC como do QPRP-F na medição dos Esquemas Precoces Maladaptativos e da perceção da relação pais-filhos pelos adolescentes, respetivamente. Os resultados demonstram correlações significativas entre os agrupamentos de Esquemas Precoces Maladaptativos e os fatores da relação pais-filhos identificados, indicando uma relação entre o desenvolvimento de esquemas e a regulação da satisfação das necessidades psicológicas na adolescência, através da relação dos adolescentes com os seus pais.

Adicionalmente, os resultados indicam que alguns fatores da perceção da relação pais-filhos dos adolescentes predizem o aparecimento e desenvolvimento de problemas externalizantes na adolescência, como problemas de comportamento ou hiperatividade.

Palavras-chave: Esquemas Precoces Maladaptativos; Regulação da satisfação das necessidades psicológicas; Relação pais-filhos; Adolescência; Problemas Externalizantes.

Abstract

Accumulating evidence suggests an impact of the Early Maladaptive Schemas on the psychological well-being, being developed in early childhood and/ or adolescence and having the ability to evolve to psychological disorders in adulthood. At the same time, the regulation of the satisfaction of psychological needs seems to be fundamental to psychological well-being, and it can be in the origin of Early Maladaptive Schemas. Despite the importance of these two variables for research and clinical practice, the relation between them has only been studied with adult population, until now, for the present investigation pretends to study this relation in adolescence. Due to the typical characteristics of adolescence, it was analysed the perception of the adolescents about their parent-child relationship, which appears to be crucial for the regulation of the satisfaction of their needs.

The present study comprised a sample of 185 portuguese students, with ages between 10 and 17 years old, to which it was applied the Schema Inventory for Children (SIC, Rijkeboer & de Boo, 2010; portuguese version of Teixeira, 2010), the Questionnaire of the Perception of Parent-Child Relationship (QPRP-F, Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos, Sá, 2019), and the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ, Goodman, 1997; portuguese version of Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar, 2004).

The factorial analysis conducted showed a good adequacy of both the SIC and the QPRP-F in the measurement of Early Maladaptive Schemas and the perception of the parent-child relationship by the adolescents, respectively. The results revealed significant correlations between the sets of Early Maladaptive Schemas and the identified factors of the parent-child relationship, indicating a relation between the development of schemas and the regulation of the satisfaction of psychological needs in adolescence, through the relationship of the adolescents with their parents.

Farther, the results indicate that some factors of the perception of parent-child relationship by the adolescents predict the emergence and development of externalizing problems in adolescence, such as behavioural problems or hyperactivity.

Keywords: Early Maladaptive Schemas; Regulation of the satisfaction of psychological needs; Parent-child relationship; Adolescence; Externalizing Problems.

Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento Teórico	2
2.1. Esquemas Precoces Maladaptativos	2
2.2. Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas.....	6
2.3. Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas na Adolescência	7
3. Objetivos e Relevância do estudo	9
4. Método	10
4.1. Questões e Hipóteses de Investigação	10
4.2. Participantes	12
4.3. Instrumentos de Medida.....	13
4.3.1. Formulário de dados sociodemográficos	13
4.3.2. Inventário de Esquemas para Crianças (IEC)	13
4.3.3. Questionário de Perceção da Relação Parental-Filhos (QPRP-F)	14
4.3.4. Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ)	14
4.4. Procedimento	15
4.5. Procedimentos Estatísticos.....	16
5. Resultados	18
5.1. Estudo Psicométrico do Inventário de Esquemas para Crianças (IEC)	18
5.1.1. Estrutura fatorial do Inventário de Esquemas para Crianças (IEC).....	18
5.1.2. Precisão	21
5.1.3. Intercorrelações entre os fatores do IEC	21
5.2. Estudo Psicométrico do Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F)	23
5.2.1. Estrutura fatorial do Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F)	23
5.2.2. Precisão	25

5.2.3. Intercorrelações entre os fatores do QPRP-F.....	25
5.3. Análise da Relação entre os Esquemas Precoces Maladaptativos e as Percepções da Relação Pais-Filhos dos Adolescentes	26
5.3.1. Correlações entre os fatores de Esquemas Precoces Maladaptativos e os fatores de percepção da relação pais-filhos dos adolescentes.....	26
5.4. Estudo Psicométrico do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ)	27
5.4.1. Precisão	27
5.4.2. Intercorrelações entre as subescalas do SDQ	28
5.5. Análise dos Determinantes dos Problemas Internalizantes e Externalizantes e do Comportamento Pró-Social.....	28
5.6. Análise das diferenças entre grupos no QPRP-F	30
5.7. Análise das diferenças entre grupos no IEC	31
6. Discussão de Resultados	33
6.1. Discussão	33
6.2. Limitações e sugestões para estudos futuros	42
6.3. Implicações Clínicas	44
Referências	47

Índice de Anexos

Anexo A – Quadro 1. Domínios e esquemas segundo Young et al. (2003)	52
Anexo B – Pedido de Colaboração ao Diretor do Agrupamento de Escolas	57
Anexo C – Consentimento Informado para Encarregados de Educação	58
Anexo D – Instruções de participação e instrumentos aplicados aos participantes	59

1. Introdução

Os Esquemas Precoces Maladaptativos (EPM), segundo Young, Klosko, e Weishaar (2003), consistem em padrões de memórias, com emoções, pensamentos e comportamentos associados, que se desenvolvem durante a infância e/ ou adolescência e influenciam a relação do indivíduo com ele próprio e com outros. Quando o esquema se forma é adaptativo, até certo ponto, pois permite que a pessoa lide eficazmente com o seu ambiente, mas quando se consolida e generaliza a várias situações, especialmente na vida adulta, torna-se disfuncional (Young et al., 2003).

A adolescência é um período rico em tarefas desenvolvimentistas e definição de identidade, pelo que se torna essencial estudar o surgimento e desenvolvimento de EPM neste período de vida, permitindo também uma intervenção precoce e preventiva da consolidação e perpetuação destes esquemas na vida adulta.

Paralelamente, a regulação da satisfação das necessidades psicológicas mostra-se essencial ao bem-estar psicológico (Vasco, Conceição, Silva, Ferreira, & Vaz-Velho, 2018), sendo que carências ao nível da satisfação dessas necessidades podem estar na origem do surgimento de Esquemas Precoces Maladaptativos (Young et al., 2003). No entanto, até ao momento, os estudos que relacionaram os EPM com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas foram apenas realizados com população adulta (e.g., Faustino & Vasco, 2020a, 2020b; Fonseca, 2012).

Neste sentido, mostra-se essencial o estudo da relação entre estas duas variáveis na adolescência, sendo um período em que pode ser mais fácil a identificação da presença de esquemas, comparativamente à infância, e onde se pode atuar de forma precoce na prevenção do surgimento ou agravamento de EPM, percebendo-se quais as necessidades psicológicas mais deficitárias.

Tendo em conta as características típicas da adolescência, na presente investigação propôs-se estudar a satisfação das necessidades psicológicas dos adolescentes através da sua perceção sobre a relação com os seus pais, assumida como fundamental para a satisfação das suas necessidades.

No presente estudo é apresentada uma revisão da literatura considerada relevante e central ao estudo das variáveis principais. Posteriormente, são expostos os objetivos, questões e hipóteses de investigação. Os resultados são apresentados e, seguidamente, discutidos, relacionando-os com os objetivos propostos. São ainda expostas algumas limitações e sugestões para estudos futuros. Por último, a investigação é concluída com as implicações clínicas consideradas relevantes tendo em conta os resultados encontrados.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Esquemas Precoces Maladaptativos

Segundo Young, Klosko, e Weishaar (2005, citado por van Genderen, Rijkeboer, & Arntz, 2012), os esquemas consistem em “percepções sensoriais, ações e emoções experienciadas, e o significado que lhes é atribuído, de tal forma que experiências precoces de infância são memorizadas não verbalmente” (p. 28). Para além disso, os esquemas funcionam como filtros através dos quais as pessoas organizam, interpretam, e predizem o mundo (van Genderen et al., 2012). Um outro conceito importante relacionado com os esquemas é o de “consistência cognitiva”, isto porque os esquemas, formados normalmente na infância, continuam a ser elaborados e impostos em experiências de vida tardias, mesmo quando já não são adequados (Young et al., 2003). Essa “consistência cognitiva” reflete a necessidade de o indivíduo manter uma visão estável de si próprio e do mundo, mesmo que seja distorcida da realidade ou imprecisa (Young et al., 2003). Desta forma, um esquema pode ser adaptativo ou maladaptativo, podendo também aparecer precocemente ou mais tarde no desenvolvimento (Young et al., 2003). A presente investigação propõe-se a estudar os esquemas maladaptativos que surgem precocemente.

Os esquemas maladaptativos, segundo Young et al. (2005, citado por van Genderen et al., 2012), desenvolvem-se em idade precoce como resultado de interações entre fatores como o temperamento da criança, o estilo parental dos pais, e quaisquer experiências significativas (por vezes traumáticas). Alguns destes esquemas, especialmente os que resultaram de experiências de infância tóxicas, podem estar no centro de várias perturbações da personalidade e de Eixo I (Young et al., 2003). Neste sentido, Young definiu um subconjunto de esquemas a que chamou de Esquemas Precoces Maladaptativos (EPM) (Young et al., 2003). Segundo Young et al. (2003), um EPM é “um tema ou padrão abrangente e geral, composto por memórias, emoções, cognições, e sensações corporais, em relação ao próprio e às suas relações com outros, desenvolvido durante a infância ou adolescência, elaborado ao longo da vida, e disfuncional a um nível significativo” (p. 7).

Como forma de ilustrar o possível desenvolvimento e expressão de um EPM, sugere-me partilhar o seguinte exemplo: um indivíduo é negligenciado em criança pelos seus cuidadores. Ao longo da sua infância e/ ou adolescência ele cria um EPM de

Abandono/ Instabilidade (Anexo A - Quadro 1). Em adulto, esse esquema será desencadeado quando ele experienciar eventos que percecionem, inconscientemente, como semelhantes à experiência de negligência da sua infância. Quando esse esquema é despoletado, o indivíduo pode experienciar uma emoção que lhe esteja associada, como tristeza profunda, por exemplo (Young et al., 2003).

De salientar que nem todos os esquemas se desenvolvem com base em traumas de infância ou experiências de maus tratos, podendo basear-se em situações opostas até, como experiências de parentalidade superprotetora, por exemplo. No entanto, todos os EPM são destrutivos, sendo que a maioria é causada por experiências tóxicas que são repetidas regularmente durante a infância e a adolescência (Young et al., 2003).

Apesar de serem destrutivos e causarem sofrimento, os indivíduos tendem a percecionar os EPM como confortáveis e familiares, muito relacionado com a já referida questão da necessidade de consistência. Neste sentido, os EPM são muito difíceis de mudar e têm um papel muito importante nos pensamentos, emoções, comportamentos e relacionamentos dos indivíduos (Young et al., 2003).

Os EPM, ao se desenvolverem na infância e adolescência, constituem representações baseadas no ambiente em que o indivíduo viveu e cresceu. Assim, os EPM que uma determinada pessoa desenvolve refletem o estilo parental dos seus cuidadores e o meio em que essa pessoa se desenvolveu, incluindo o clima emocional e a forma como foi tratada ao longo do seu crescimento (Young et al., 2003). Posto isto, os EPM quando são formados, na infância e/ ou adolescência, são adaptativos, de certa forma. Isto porque, não só refletem as necessidades emocionais da criança que não foram satisfeitas, como representam adaptações da própria criança a essas experiências negativas, sejam elas de rejeição, hostilidade, agressão ou falta de carinho e atenção por parte dos cuidadores (van Genderen et al., 2012). O seu lado maladaptativo ou disfuncional revela-se mais tarde, quando o indivíduo continua a perpetuar esses esquemas nas suas relações com os outros, mesmo quando as suas perceções dos acontecimentos já não são precisas ou realistas (Young et al., 2003).

Os esquemas são dimensionais, sendo que quanto mais grave for o EPM, maior o número de situações que o desencadeiam. Isto é, se um indivíduo foi exposto de forma mais frequente, extrema e precoce a um determinado evento traumatizante ou estilo parental desadequado na infância e/ ou adolescência, o esquema desenvolvido com base

nesse evento de vida vai tender a ser desencadeado muito mais facilmente e num conjunto de situações muito mais abrangente na vida adulta. Para além disso, quanto mais grave for o EPM, mais intensas e duradouras serão as emoções negativas associadas ao desencadear desse esquema (Young et al., 2003).

No que diz respeito à sua origem, os esquemas podem resultar da interação de três fatores principais: necessidades emocionais centrais, experiências precoces de vida, e temperamento emocional. Segundo Young et al. (2003), os EPM formam-se devido às necessidades emocionais do indivíduo não serem satisfeitas na infância. Os autores postulam que existem 5 necessidades emocionais principais e universais a todos os seres humanos (1. Vinculação segura a outros; 2. Autonomia, competência, e sentido de identidade; 3. Liberdade para expressar necessidades e emoções válidas; 4. Espontaneidade e brincadeira; e 5. Limites realistas e autocontrolo) que, quando não são satisfeitas de forma adaptativa, podem levar à criação de Esquemas Precoces Maladaptativos.

As experiências precoces de vida, se forem tóxicas ou traumáticas, podem originar também EPM, sendo que os esquemas que se desenvolvem mais precocemente tendem a ser mais graves, formando-se tipicamente na família nuclear (Young et al., 2003). Young e colaboradores (2003) referem quatro tipos de experiências precoces de vida que contribuem para a formação de EPM, sendo eles: 1. Frustração tóxica das necessidades (quando a criança cresce num ambiente pobre em estabilidade, compreensão ou amor, por exemplo); 2. Traumatização ou vitimização (quando a criança é agredida ou vitimizada); 3. Quando a criança é mimada, satisfeita e protegida em demasia, não satisfazendo as suas necessidades de autonomia e de limites realistas; e 4. Internalização ou identificação seletiva com outros significativos (quando a criança, seletivamente, interioriza e se identifica com os pensamentos, sentimentos, experiências e comportamentos de um cuidador).

O temperamento emocional de cada criança vai também interagir com as suas experiências de vida difíceis e contribuir para a formação de EPM (Young et al., 2003). Diferentes tipos de temperamento (agressivo, tímido, irritável, otimista, passivo, ansioso, entre outros) podem expor a criança a diferentes circunstâncias de vida (agressividade parental em resposta a temperamento agressivo, por exemplo) (Young et al., 2003). Para além disso, se por um lado o ambiente em que a criança se desenvolve pode sobrepor-se

ao temperamento da criança, potenciando um temperamento mais adaptado ou desadaptado, o contrário também é possível, podendo o temperamento da criança expressar-se de forma desadaptada e levar a psicopatologia, mesmo quando inserida num ambiente familiar comum, seguro e equilibrado (Young et al., 2003).

Segundo o modelo de Young et al. (2003), existem 18 Esquemas Precoces Maladaptativos agrupados em 5 domínios. Esses domínios correspondem a necessidades emocionais não satisfeitas no desenvolvimento da criança ou adolescente. No Quadro 1 apresentado em anexo (Anexo A), estão descritos os 18 esquemas e os respetivos domínios associados.

Concluindo, os Esquemas Precoces Maladaptativos são formados na infância e adolescência, são persistentes ao longo da vida, e influenciam de forma significativa o bem-estar psicológico na vida adulta, podendo estar na base de várias perturbações psicológicas. Para além disso, os EPM são extremamente difíceis de mudar, especialmente quando a pessoa já se encontra na fase adulta e o esquema já está consolidado e generalizado na sua vida.

2.2. Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas

O (Meta)Modelo de Complementaridade Paradigmática (MCP) defende a existência de sete polaridades de necessidades psicológicas que devem ser satisfeitas, de forma regulada, para haver bem-estar psicológico (Vasco et al., 2018). Essas necessidades psicológicas, segundo Vasco (2013), definem-se como “estados de desequilíbrio orgânico provocados por carência ou excesso de determinados nutrientes psicológicos, sinalizados emocionalmente e tendentes a promover ações, internas e/ou externas facilitadoras do restabelecimento desse mesmo equilíbrio” (p. 41). Assim, segundo os autores, deve haver uma regulação da satisfação das necessidades psicológicas para existir bem-estar psicológico. No entanto, as necessidades nunca estão totalmente satisfeitas, ocorrendo uma negociação e equilíbrio constantes entre as sete polaridades dialéticas, daí a necessidade de regulação da satisfação (Vasco, 2013).

Sendo assim, segundo Vasco (2013), as sete polaridades dialéticas de necessidades psicológicas são: (1) Prazer (ser capaz de experienciar e desfrutar de prazeres físicos e psicológicos) – Dor (ser capaz de vivenciar dores inevitáveis e de lhes atribuir um significado, diferenciando sofrimento produtivo de improdutivo); (2) Proximidade (ser capaz de estabelecer e manter relações de proximidade com os outros) – Diferenciação (ser capaz de se diferenciar dos outros e de se autodeterminar); (3) Produtividade (ser capaz de concretizar desafios sentidos como valiosos) – Lazer (ser capaz de se relaxar e sentir-se confortável com isso); (4) Controlo (ser capaz de exercer influência sobre o meio) – Cooperação (ser capaz de delegar, de abrir mão); (5) Exploração/ Atualização (ser capaz de explorar o meio e de se abrir à novidade) – Tranquilidade (ser capaz de apreciar o que se tem e o que é, no aqui e agora); (6) Coerência do *Self* (congruência entre o *Self* real e o *Self* ideal; congruência entre os pensamentos, sentimentos e comportamentos do próprio) – Incoerência do *Self* (ser capaz de tolerar o conflito e incongruências ocasionais); (7) Autoestima (ser capaz de estar satisfeito consigo próprio e de se estimar) – Autocrítica (ser capaz de identificar, aceitar e aprender com insatisfações e erros pessoais).

Posto isto, a capacidade do indivíduo para regular, de forma equilibrada, a satisfação destas polaridades de necessidades determinará o seu bem-estar psicológico e saúde mental. Essa regulação da satisfação é dialética, visto que as polaridades se complementam, pelo que o indivíduo deve ser moderadamente competente em cada uma das duas polaridades, e não apenas num dos polos (Vasco, 2013).

Apesar da sua enorme validade e importância, tanto para a investigação como para a prática clínica, atualmente este conceito de regulação da satisfação das necessidades psicológicas foi apenas estudado em população adulta.

O Modelo de Complementaridade Paradigmática engloba e relaciona ainda várias teorias, como a “teoria da adaptação”, a “teoria da perturbação” e a “teoria da intervenção”. Desta forma, o MCP salienta não só a importância da regulação da satisfação das necessidades psicológicas, subjacente à “teoria da adaptação”, como a importância dos Esquemas Precoces Maladaptativos, enquanto “teoria da perturbação” (Vasco et al., 2018). Neste sentido, existem alguns estudos que relacionam a regulação da satisfação das necessidades psicológicas com Esquemas Precoces Maladaptativos (e.g., Faustino & Vasco, 2020a, 2020b; Fonseca, 2012), observando uma correlação negativa entre a maioria dos domínios de esquemas e as polaridades dialéticas de necessidades psicológicas. Assim, quanto mais presentes e abrangentes forem os EPM, menor será a capacidade do indivíduo de regular a satisfação das suas necessidades psicológicas. No entanto, mais uma vez, esses estudos foram todos realizados com população adulta.

2.3. Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas na Adolescência

A presente investigação pretende perceber quais as necessidades psicológicas presentes na adolescência e como ocorre a regulação da sua satisfação, visto não existirem estudos com este grupo etário. Nesse sentido, Sá (2019) propôs a existência de 6 polaridades dialéticas de necessidades psicológicas na adolescência, sendo elas: (1) Afeto/ Carinho (sentir-se amado e aceite pelos outros significativos) – Distância Emocional (sentir-se negligenciado ou rejeitado); (2) Exploração (sentir-se encorajado a explorar o mundo à sua volta) – Limites (sentir a sua ação no mundo limitada ou punida); (3) Proximidade (sentir que pertence a um grupo, família, pares, entre outros) – Afastamento (sentir-se isolado e fora de um grupo); (4) Prazer (sentir que é encorajado a ter prazer/ usufruir do que faz) – Obrigação (sentir que se deve comportar de acordo com as expectativas dos outros significativos); (5) Competência (sentir que é encorajado a dar o seu melhor) – Crítica (sentir que o seu desempenho está sempre a ser avaliado de forma crítica); (6) Controlo (sentir que o seu comportamento está sempre a ser supervisionado) – Autonomia (sentir que é encorajado a agir de forma independente).

Estas polaridades de necessidades psicológicas são também facilmente comparáveis às “necessidades emocionais centrais” mencionadas por Young et al. (2003), as quais estariam na origem de Esquemas Precoces Maladaptativos.

Ao longo da adolescência, considerando-a como o período entre os 10 e os 18 anos, os pais (ou cuidadores) têm ainda um papel bastante importante no desenvolvimento do jovem. Apesar de, tendencialmente, haver um afastamento das figuras parentais na adolescência, pois a autonomia é uma das tarefas desenvolvimentistas chave desta etapa de vida, os adolescentes apenas conseguem desenvolver essa autonomia de forma equilibrada se já tiverem estabelecido uma relação de vinculação segura com os seus cuidadores anteriormente, durante a infância (Allen & Land, 1999). De facto, a relação de vinculação com os cuidadores constitui um fator essencial para ajudar os adolescentes a ultrapassar os desafios e atingir as tarefas desenvolvimentistas típicas desta fase de vida (Allen & Land, 1999).

Para além disso, e como referido anteriormente, o ambiente familiar é um dos principais fatores que contribui para a formação de Esquemas Precoces Maladaptativos, especialmente no que diz respeito à frustração das necessidades (quando a criança cresce num ambiente pobre em estabilidade, compreensão ou afeto, por exemplo) (Young et al., 2003).

Assim, e tendo em conta as polaridades dialéticas propostas por Sá (2019), o bem-estar psicológico dos adolescentes depende da regulação da satisfação das suas necessidades psicológicas, as quais, por sua vez, dependem ou estão intimamente relacionadas com a relação pais-adolescente. É neste sentido que a presente investigação se propõe a estudar a regulação das necessidades psicológicas dos adolescentes, propondo que as mesmas são satisfeitas através do seu ambiente familiar e, mais especificamente, pela relação estabelecida entre os próprios adolescentes e os seus pais ou cuidadores. Visto que o foco da investigação é a forma como as variáveis estão presentes e se expressam nos adolescentes, essa relação pais-filhos será estudada a partir da perspetiva dos próprios adolescentes.

3. Objetivos e Relevância do estudo

A adolescência é um período de desenvolvimento rico em mudanças e tarefas desenvolvimentistas exigentes e de grande importância. Os Esquemas Precoces Maladaptativos, apesar da sua possível formação na infância, poderão ter na adolescência uma maior expressão e ser de mais fácil identificação. Neste sentido, a presente investigação pretende perceber que esquemas podem surgir ou expressar-se nesta etapa de vida. Este objetivo de investigação mostra-se como relevante não só porque não existem muitos estudos sobre o assunto na adolescência, mas porque pode ter implicações para a prática clínica, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções mais precoces focadas nos esquemas, de forma a prevenir o seu desenvolvimento maladaptativo na vida adulta e o possível desencadear de perturbações psicológicas.

Paralelamente, a regulação da satisfação das necessidades psicológicas foi apenas estudada em população adulta, pelo que a presente investigação pretende estudar quais as necessidades psicológicas presentes na adolescência e como é regulada a sua satisfação. Como se trata desta fase de desenvolvimento, considera-se que os pais ou cuidadores têm um papel central na satisfação das necessidades dos adolescentes, pelo que se propõe estudar a perceção dos adolescentes acerca da sua relação com os seus pais, a qual contribui para a satisfação das suas necessidades psicológicas.

Posto isto, torna-se também importante estudar qual a relação entre estas duas variáveis (Regulação da satisfação das necessidades psicológicas e Esquemas Precoces Maladaptativos), pois os poucos estudos que existem são também eles com base em população adulta. Neste sentido, surge a principal questão de investigação: Será que a perceção da relação pais-filhos dos adolescentes está relacionada com o desenvolvimento de Esquemas Precoces Maladaptativos?

Adicionalmente, a presente investigação pretende explorar a possível relação entre a perceção da relação pais-filhos dos adolescentes e o desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais na adolescência.

Por último, pretende-se perceber como é que a perceção da relação pais-filhos dos adolescentes e o desenvolvimento de EPM se relacionam com as variáveis sociodemográficas, como o sexo (feminino e masculino) e a etapa da adolescência (inicial e média).

4. Método

4.1. Questões e Hipóteses de Investigação

O primeiro objetivo do presente estudo é perceber que Esquemas Precoces Maladaptativos podem surgir ou expressar-se no período da adolescência. Neste sentido, e com base no estudo de Rijkeboer e de Boo (2010), surge uma questão de investigação:

Q1: Será que serão identificados os mesmos 11 fatores descritos por Rijkeboer e de Boo (2010)?

Os 11 fatores obtidos neste estudo foram: Desconfiança/ Abuso, Defeituosidade/ Vergonha, Solidão (que inclui os esquemas Privação Emocional e Isolamento Social/ Alienação), Vulnerabilidade (englobando os esquemas Abandono/ Instabilidade e Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença), Emaranhamento/ Self Subdesenvolvido, Fracasso, Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade, Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes, Submissão (onde se enquadram os esquemas Dependência/ Incompetência, Subjugação, e Inibição Emocional), Autossacrifício, e Padrões elevados/ Hipercriticismo.

O segundo objetivo da presente investigação é estudar que necessidades psicológicas estão presentes na adolescência e como os pais contribuem para a regulação da sua satisfação nessa fase de vida. Para este fim, propõe-se estudar a perceção dos adolescentes acerca da sua relação com os seus pais, pressupondo-se que a mesma contribui para a satisfação das suas necessidades psicológicas. Não existindo estudos anteriores sobre esta variável com população adolescente, surge a questão de investigação:

Q2: Será que as 6 polaridades dialéticas de necessidades psicológicas propostas por Sá (2019) estão, de facto, presentes na adolescência?

Posto isto, o terceiro objetivo do estudo prende-se com explorar a relação entre estas duas variáveis, os Esquemas Precoces Maladaptativos e a regulação da satisfação das necessidades psicológicas. Neste sentido, surge a principal questão de investigação:

Q3: Será que a perceção da relação pais-filhos dos adolescentes está relacionada com o desenvolvimento de Esquemas Precoces Maladaptativos?

O quarto objetivo do estudo pretende explorar a possível relação entre a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes e o desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais na adolescência.

Com o quinto objetivo pretende-se perceber como é que a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes se relaciona com as variáveis sociodemográficas, como o sexo (feminino e masculino) e o grupo etário (adolescência inicial e média). Neste sentido, sugerem-se as seguintes questões de investigação:

Q4: Será que existem diferenças na percepção da relação pais-filhos entre as raparigas e os rapazes adolescentes?

Q5: Será que existem diferenças na percepção da relação pais-filhos entre a adolescência inicial e a adolescência média?

Por fim, pretende-se perceber como é que os Esquemas Precoces Maladaptativos se relacionam com as mesmas variáveis sociodemográficas (sexo e grupo etário). Com base em estudos anteriores, surgem as seguintes hipóteses:

H1: Os rapazes apresentarão valores mais elevados nos esquemas Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade, Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes, e Padrões elevados/ Hipercriticismo, comparativamente às raparigas.

Segundo o estudo de Santos, Vagos e Rijo (2018), numa amostra de adolescentes portugueses, os rapazes apresentaram valores mais elevados do que as raparigas nos esquemas Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade, Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes, e Padrões elevados/ Hipercriticismo.

H2: As raparigas apresentarão valores mais elevados nos esquemas Abandono/ Instabilidade, Desconfiança/ Abuso e Autossacrifício, comparativamente aos rapazes.

No mesmo estudo, as raparigas apresentaram valores mais elevados do que os rapazes nos esquemas Abandono/ Instabilidade, Desconfiança/ Abuso, e Autossacrifício (Santos et al., 2018).

H3: Na adolescência inicial estará mais presente o esquema de Autossacrifício, comparativamente à adolescência média.

A investigação de Muris (2006) verificou a existência de uma correlação negativa entre a idade e o esquema de Autossacrifício. Posto isto, quanto menor for a idade, maior será a presença deste EPM.

H4: Na adolescência média estarão mais presentes esquemas de Desconexão e Rejeição, comparativamente à adolescência inicial.

No estudo de Alba, Calvete, Wante, Van Beveren e Braet (2018), os autores observaram uma correlação positiva entre a idade e o domínio de Desconexão e Rejeição, verificando-se que os esquemas deste domínio tendem a aumentar com a idade.

4.2. Participantes

A presente investigação contou com uma amostra final de 185 participantes (52% do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos ($M = 13.01$ e $DP = 1.86$). Inicialmente, a amostra total era composta por 192 participantes, mas 7 (3.65%) foram excluídos do estudo devido a respostas inválidas ou ausência de resposta a itens. Como forma de facilitar a análise e operacionalizar adequadamente a fase de desenvolvimento da adolescência, com todas as mudanças cognitivas e emocionais que lhe estão subjacentes, a amostra foi distribuída por dois grupos etários: adolescência inicial (entre os 10 e os 12 anos) e adolescência média (entre os 13 e os 16 anos). Esta distribuição mostrou-se igualitária entre os dois grupos etários, correspondendo 43.9% da amostra à adolescência inicial e 56.1% à adolescência média (Quadro 2)¹. Os participantes encontravam-se entre o 5º e o 11º anos de escolaridade, estando igualmente distribuídos de forma equivalente pelos diferentes anos (Quadro 3)¹. A maioria dos participantes (86.9%) era de naturalidade portuguesa.

¹ Devido à pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, a recolha da amostra foi interrompida, não tendo sido recolhida a totalidade dos dados pertencentes ao ensino secundário (correspondentes à adolescência tardia, dos 17 aos 19 anos). A contabilização dos dados correspondentes a estas idades foi excluída das análises que envolvem as variáveis Sexo e Grupo Etário (Quadro 2), justificando-se também a ausência dos 10º e 12º anos de escolaridade visível no Quadro 3.

Quadro 2.

Distribuição da amostra por Sexo e Grupo Etário (N = 180).

		Grupo Etário					
		Adolescência Inicial 10 – 12 anos		Adolescência Média 13 – 16 anos		Total	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Feminino	40	22.2	54	30.0	94	52.2
	Masculino	39	21.7	47	26.1	86	47.8
Total		79	43.9	101	56.1	180	100

Quadro 3.

Distribuição da amostra por Ano de Escolaridade (N = 185).

		Ano de Escolaridade												Total	
		5º		6º		7º		8º		9º		11º			
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total		20	10.8	43	23.2	29	15.7	38	20.5	34	18.4	21	11.4	185	100

4.3. Instrumentos de Medida

Para a recolha de dados foram aplicados 4 instrumentos: 1. Formulário de dados sociodemográficos; 2. Inventário de Esquemas para Crianças; 3. Questionário de Perceção da Relação Parental-Filhos; e 4. Questionário de Capacidades e Dificuldades. Segue-se uma breve descrição de cada um destes instrumentos.

4.3.1. Formulário de dados sociodemográficos. Consiste num breve formulário onde é requerido ao participante a sua idade, sexo, ano de escolaridade e naturalidade. Os dados serão utilizados para a caracterização da amostra e análise estatística da relação entre estes dados e as variáveis em estudo.

4.3.2. Inventário de Esquemas para Crianças (IEC). O Inventário de Esquemas para Crianças – IEC (Rijkeboer & de Boo, 2010 - Schema Inventory for Children; versão portuguesa de Teixeira, 2010) é constituído por 40 itens² que representam

² Apesar do Inventário de Esquemas para Crianças ser, originalmente, constituído por 40 itens, na presente investigação foram utilizados apenas 39, devido a um lapso na impressão dos instrumentos de recolha de dados ter omitido o item 12. Como já se tinha iniciado a recolha de dados aquando da deteção do erro de impressão, decidiu-se contabilizar os dados recolhidos e proceder à análise estatística, mesmo sem esse item.

15 dos 18 Esquemas Maladaptativos Precoces teorizados por Young, sendo eles: Abandono/ Instabilidade, Desconfiança/ Abuso, Privação Emocional, Defeituosidade/ Vergonha, Isolamento Social/ Alienação, Dependência/ Incompetência, Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença, Emaranhamento/ Self Subdesenvolvido, Fracasso, Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade, Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes, Subjugação, Autossacrifício, Inibição Emocional, e Padrões elevados/ Hipercrítico. Estes esquemas, segundo o estudo de Rijkeboer e de Boo (2010), dividem-se em 11 fatores, sendo que os esquemas Privação Emocional e Isolamento Social/ Alienação se agrupam no fator Solidão, os esquemas Abandono/ Instabilidade e Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença no fator Vulnerabilidade, e os esquemas Dependência/ Incompetência, Subjugação, e Inibição Emocional se enquadram no fator Submissão. Os restantes 8 esquemas representam, cada um deles, um fator. A resposta aos itens é feita através de uma escala tipo Likert de 4 pontos, em que 1 = Discordo Fortemente, 2 = Discordo, 3 = Concordo, e 4 = Concordo Fortemente. Os resultados são calculados pela soma dos pontos atribuídos aos itens.

4.3.3. Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F). O Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F, Sá, 2019) é composto por 24 itens que pretendem avaliar a perceção que os adolescentes entre os 9 e os 19 anos têm acerca da sua relação com os seus pais (ou cuidadores). A resposta aos itens é feita através de uma escala tipo Likert de 4 pontos, em que 1 = Nunca, 2 = Às vezes, 3 = Muitas vezes, e 4 = Sempre. A presente investigação hipotetiza que a relação pais-filhos está intimamente relacionada com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas dos adolescentes, pelo que os resultados do questionário pretendem verificar se a estrutura proposta por Sá (2019) se adequa aos dados obtidos: 1. Afeto/ Carinho – Distância Emocional; 2. Exploração – Limites; 3. Proximidade – Afastamento; 4. Prazer – Obrigação; 5. Competência – Crítica; 6. Controlo – Autonomia. Neste sentido, a cada uma das 6 polaridades de necessidades corresponde um número equivalente de itens.

4.3.4. Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ). O Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ, Goodman, 1997; versão portuguesa de

Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar, 2004) consiste num instrumento que permite identificar a existência de problemas comportamentais e emocionais, a par de capacidades sociais, nas crianças e adolescentes entre os 3 e os 17 anos. A presente investigação utilizou a versão de autorrelato desenvolvida para jovens entre os 11 e os 17 anos. O questionário é composto por 25 itens, distribuídos por 5 subescalas de cinco itens cada: Escala de Sintomas Emocionais, Escala de Problemas de Comportamento, Escala de Hiperatividade, Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas, e Escala de Comportamento Pró-Social. Na presente investigação utilizou-se o modelo de 3 subescalas, estudado por Goodman, Lamping e Ploubidis (2010), que agrupa as 5 subescalas anteriormente descritas em três, sendo elas: “Problemas de Internalização”, que inclui as subescalas de Sintomas Emocionais e de Problemas de Relacionamento com os Colegas (10 itens); “Problemas de Externalização”, que engloba as subescalas de Problemas de Comportamento e de Hiperatividade (10 itens); e “Comportamento Pró-Social”, que corresponde à subescala de Comportamento Pró-Social (5 itens). Cada item é respondido numa escala de 3 pontos, em que 1 = Não é verdade, 2 = É um pouco verdade, e 3 = É muito verdade. O questionário inclui também 5 itens invertidos (7, 11, 14, 21, e 25), os quais refletem dificuldades. Os resultados são calculados com base na soma dos pontos atribuídos aos itens.

4.4. Procedimento

O Projeto de Investigação foi aprovado pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Posteriormente, foi agendada uma reunião com o Diretor de um Agrupamento de escolas do distrito de Lisboa, de forma a propor a recolha de dados para investigação em duas escolas do seu agrupamento, a Básica (do 5º ao 9º ano de escolaridade) e a Secundária (do 10º ao 12º ano de escolaridade).

Após a aprovação pelo Diretor do Agrupamento (Anexo B) e posteriores agendamentos com os professores dos vários anos de escolaridade, foram entregues aos alunos os Consentimentos Informados (Anexo C) com o pedido de participação na investigação, que deveriam ser devidamente preenchidos e assinados pelos seus Encarregados de Educação e devolvidos aos professores. O Consentimento Informado

incluía informação sobre: o nome das investigadoras³ e orientadora, o nome da FPUL, os objetivos do estudo, o número e duração das sessões, a possibilidade de desistência, a salvaguarda da confidencialidade e anonimato, os contactos das investigadoras, e a possibilidade de informação pós-estudo.

A recolha de dados decorreu entre os meses de fevereiro e março de 2020, com os alunos cujos Encarregados de Educação autorizaram a sua participação na investigação. Recolheram-se dados de 2 turmas de cada ano de escolaridade, entre o 5º e o 9º ano, e de 1 turma do 11º ano. As turmas foram selecionadas com base na disponibilidade dos professores para a aplicação dos questionários na sua aula. Foi entregue a cada aluno um conjunto de questionários e as instruções para participação na investigação (Anexo D), que explicavam ao participante o tema geral da investigação, como deveria proceder ao preenchimento dos instrumentos, a duração aproximada, e o carácter voluntário, anónimo e confidencial da sua participação. Cada participante, após ouvir e ler essas instruções, deveria mostrar o seu consentimento oral em participar. O preenchimento dos instrumentos realizou-se em sala de aula, de forma individual.

4.5. Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos resultados foi realizado com recurso ao software de análise estatística *IBM SPSS Statistics 26*.

Foram realizadas análises preliminares para verificação da distribuição normal da amostra e a adequação da realização de testes paramétricos. A normalidade da distribuição da amostra foi analisada através do Teste de Kolmogorov-Smirnov e dos coeficientes de assimetria e curtose. Os valores dos coeficientes obtidos diferem de 0 e o valor do teste apresenta significância estatística (Sig. < .05), o que indica que os dados não apresentam estatisticamente uma distribuição normal. No entanto, tendo em conta o tamanho da amostra ($N = 185$), estes coeficientes têm uma maior sensibilidade, pelo que há uma maior probabilidade de indicarem que a amostra não segue uma distribuição normal, apesar de existirem apenas pequenos desvios à normalidade, pois o erro padrão da assimetria e da curtose decresce com o aumento do N . Em amostras grandes, a

³ A recolha de dados foi realizada em conjunto com outras duas investigadoras (Mariana Santos e Ana Carolina Afonso), devido à orientadora de investigação, população alvo e três dos instrumentos de recolha serem comuns às diferentes investigações (Formulário de Dados Sociodemográficos, IEC, e SDQ). Desta forma, foi construída uma base de dados conjunta que depois foi analisada separadamente conforme os objetivos específicos de cada investigação.

assimetria da distribuição não se desvia suficientemente da normalidade para que haja uma diferença significativa na análise, sendo também menor o impacto da curtose (Tabachnick & Fidell, 2013). Assim, tendo em conta a dimensão da amostra ($N > 30$) e o Teorema do Limite Central, é assegurada a normalidade da distribuição da amostra, o que suporta também a utilização de testes paramétricos (Tabachnick & Fidell, 2013).

As estruturas fatoriais do IEC e do QPRP-F foram examinadas através da realização de Análises Fatoriais exploratórias e do recurso aos valores obtidos nos testes de KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) e de Esfericidade de Bartlett. Para determinar a consistência interna das várias subescalas de cada instrumento, foi ainda calculado o alfa de *Cronbach*.

Para analisar as relações entre as principais variáveis em estudo (Esquemas Precoces Maladaptativos e percepção da relação pais-filhos) foram analisadas as correlações entre os instrumentos de medida, calculadas através do coeficiente de Pearson.

Realizaram-se ainda análises de regressão múltipla linear entre as subescalas do QPRP-F e as subescalas do SDQ, para verificar a hipótese de relação entre a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes e a presença de problemas de internalização, de externalização ou comportamento pró-social. A consistência interna do SDQ foi também calculada, através do alfa de *Cronbach*.

Por fim, de forma a testar as hipóteses relacionadas com as diferenças entre grupos, em função das variáveis sexo e grupo etário, realizaram-se análises de variância multivariada (MANOVA). As análises de avaliação dos pressupostos de normalidade, linearidade, homogeneidade de variância-covariância, e multicolinearidade apresentaram resultados satisfatórios, apesar de existirem algumas violações.

5. Resultados

5.1. Estudo Psicométrico do Inventário de Esquemas para Crianças (IEC)

5.1.1. Estrutura fatorial do Inventário de Esquemas para Crianças (IEC). A estrutura fatorial das 39 variáveis que compõem o Inventário de Esquemas para Crianças foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação Varimax. Os fatores retidos foram os que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida. Previamente, para avaliar a validade da AFE, utilizou-se o Teste de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = .77$), tendo-se observado um valor superior ao recomendado de .60, e o Teste de Esfericidade de Bartlett ($p < .001$), o qual atingiu significância estatística, pelo que é adequada a continuação da análise (Pallant, 2005).

No total, obteve-se 5 fatores com 31 itens do IEC. No Quadro 4 é possível verificar a saturação de cada um dos 31 itens incluídos na Análise Fatorial, assim como a percentagem de variância explicada por cada um dos 5 fatores obtidos. O primeiro fator apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 2, 3, 9, 11, 14, 17, 18, 29, 35, 37, 38, e 39, explicando 15.16% da variância total. O segundo fator, com pesos fatoriais elevados dos itens 7, 21, 24, 27, e 32, explica 9.27% da variância total. O terceiro fator apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 4, 5, 10, 15, 19, 26, e 28 e explica 8.89% da variância total. Por fim, o quarto fator, com pesos fatoriais elevados dos itens 1, 8, 12, e 36, e o quinto fator, com pesos fatoriais elevados dos itens 23, 31, e 33, explicam 6.54% e 5.92% da variância total, respetivamente. Globalmente, os cinco fatores explicam 45.77% da variância total. Para a seleção dos itens em cada um dos fatores foi considerada uma saturação superior a .40. Tendo em conta este critério, e como forma de aumentar a consistência interna dos fatores, foram excluídos da análise os itens 6, 13, 16, 20, 22, 25, 30, e 34.

Atendendo ao conteúdo dos itens em cada fator e ao modelo teórico subjacente à elaboração do questionário, designou-se o primeiro fator de “Desconexão/Rejeição” (12 itens), o segundo de “Foco nos Outros” (5 itens), o terceiro fator de “Hipervigilância e Insegurança” (7 itens) e o quarto e quinto fatores de “Autonomia e Limites Deficitários” (4 itens) e “Direitos Especiais” (3 itens), respetivamente.

Quadro 4.

Saturação nos Fatores dos 31 itens do IEC incluídos na Análise Fatorial (N = 185)

Itens	Fatores				
	1	2	3	4	5
	15.16%	9.27%	8.89%	6.54%	5.92%
Fator 1 – Desconexão/ Rejeição					
14. Quando estou num grupo com pessoas da minha idade sinto-me posto/a de parte.	.681				
9. Eu não sinto que pertença a um grupo.	.661				
17. Sinto-me envergonhado porque não sou bom em nada.	.643				
3. Se aqueles de quem eu gosto descobrissem o meu lado desagradável, não iriam querer estar comigo.	.618				
11. Se as pessoas da minha idade soubessem como realmente sou, não iam querer ser minhas amigas.	.580				
18. Ninguém me presta atenção.	.573				
35. As pessoas da minha idade são melhores do que eu em tudo.	.571				
29. Ninguém me ouve realmente.	.564				
39. Não me sinto confortável ao pé de outras pessoas.	.561				
2. Não mereço que gostem de mim.	.557				
38. Preciso de muito mais ajuda do que os outros da minha idade.	.498				
37. Sou mais estúpido que a maioria das pessoas da minha idade.	.388				
Fator 2 – Foco nos Outros					
27. Estou sempre a tentar agradar aos outros.		.670			
24. Eu tenho de fazer o que os outros querem, ou não vão gostar de mim.		.623			
21. Sinto dificuldade em defender as minhas ideias.		.541			

7. Não consigo resolver problemas sozinho.	.530
32. Esforço-me muito para ser simpático com as pessoas.	.526
Fator 3 – Hipervigilância e Insegurança	
28. Sinto-me mal se achar que não fiz o meu melhor.	.684
5. Fico zangado comigo próprio se cometer erros.	.669
26. Tenho muitas vezes medo que alguém de quem gosto possa morrer.	.644
19. As pessoas são muitas vezes desonestas.	.591
10. Sinto-me sempre mal se um/a amigo/a não quer estar comigo, porque tenho medo que não queira ser meu amigo/a.	.458
15. Às vezes preocupa-me a possibilidade de perdermos todo o nosso dinheiro e ficarmos pobres.	.448
4. Muitas vezes tenho medo que me deixem ficar mal.	.436
Fator 4 – Autonomia e Limites Deficitários	
8. Digo sempre aos meus pais o que faço na escola.	.751
1. Os meus pais sabem sempre onde estou e o que estou a fazer.	.634
12. Ouço sempre com atenção o que o/a professor/a me diz porque quero que goste de mim.	.516
36. Faço muitas coisas sem pensar de que mais tarde me arrependo. (I)	-.514
Fator 5 – Direitos Especiais	
23. Eu sou mais importante do que as outras pessoas da minha idade.	.763
31. Eu acho que devia conseguir sempre o que pretendo.	.680
33. Eu não quero ser tratado como os outros da minha idade porque sou especial.	.601

Nota. I – itens invertidos.

5.1.2. Precisão

Consistência Interna. O alfa de *Cronbach* foi calculado para determinar a consistência interna dos itens. O IEC total apresenta uma elevada consistência interna ($\alpha = .84$). O primeiro fator, correspondente ao domínio Desconexão/ Rejeição, apresenta uma consistência interna excelente ($\alpha > .80$), e o terceiro fator, Hipervigilância e Insegurança, apresenta uma consistência interna adequada ($\alpha = .71$). Os segundo (Foco nos Outros), quarto (Autonomia e Limites Deficitários) e quinto (Direitos Especiais) fatores apresentam valores de alfa de *Cronbach* insatisfatórios ($\alpha < .70$), o que pode ser justificado pelo facto de cada um destes fatores ser composto por menos de 10 itens (Pallant, 2005). Posto isto, determinou-se o valor médio de correlação entre itens para cada um destes fatores, devido a ser uma medida de consistência interna que não é influenciada pelo tamanho das escalas (Briggs & Cheek, 1986). Todos os fatores apresentam uma correlação média entre itens adequada, com valores situados entre .20 e .40, o que sugere uma consistência interna adequada.

5.1.3. Intercorrelações entre os fatores do IEC. As correlações entre os fatores variam entre pequenas e elevadas⁴ ($.02 \leq r \leq .50$), sendo na sua maioria positivas. Verificam-se correlações significativas entre o fator 1 (Desconexão/ Rejeição) e todos os outros quatro fatores, e entre os fatores 2 (Foco nos outros) e 3 (Hipervigilância e Insegurança). De notar que a correlação entre o fator 1 e o fator 4 (Autonomia e Limites Deficitários) é negativa, o que sugere que quanto maior for a presença de esquemas do fator de Desconexão/ Rejeição, menor será a presença de esquemas de Autonomia e Limites Deficitários.

O Quadro 5 apresenta as médias, desvios padrão e valores de consistência interna para cada fator, assim como as correlações entre os cinco fatores.

⁴ A força das correlações entre variáveis foi determinada pelo tamanho do valor do coeficiente de correlação, de acordo com a classificação de Cohen (1988): pequeno ($r = .10 - .29$), médio ($r = .30 - .49$), e elevado ($r = .50 - 1.0$). Os valores são utilizados como referência ao longo do presente estudo.

Quadro 5.

Médias, Desvios Padrão, Coeficiente de Alfa, correlação média entre itens, e intercorrelações para os fatores do IEC (N = 185)

Variável	M	DP	α Cronbach	Correlação média inter-itens	1	2	3	4	5
IEC Total	71.92	10.96	.84	.14					
1. Desconexão/ Rejeição	23.87	6.27	.85	.32	-				
2. Foco nos Outros	11.19	2.73	.66	.28	.50**	-			
3. Hipervigilância e Insegurança	20.22	3.73	.71	.26	.38**	.33**	-		
4. Autonomia e Limites Deficitários	10.37	2.15	.54	.23	-.19**	.02	-.14	-	
5. Direitos Especiais	5.75	1.65	.53	.29	.18*	.09	.10	.07	-

** Correlações significativas a 1% de significância ($p < .01$)

* Correlações significativas a 5% de significância ($p < .05$)

5.2. Estudo Psicométrico do Questionário de Percepção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F)

5.2.1. Estrutura fatorial do Questionário de Percepção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F). A estrutura fatorial das 24 variáveis que compõem o questionário QPRP – Filhos foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação Varimax. Os fatores retidos foram os que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida. Para avaliar a validade da AFE utilizou-se o Teste de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = .81$), o qual se revelou adequado, e o Teste de Esfericidade de Bartlett ($p < .001$), tendo atingido significância estatística, pelo que se procedeu com a análise (Pallant, 2005).

De acordo com a regra do *eigenvalue* superior a 1 e com o *scree plot*, a estrutura relacional das variáveis em estudo parece ser melhor explicada por três fatores latentes, tendo sido retirados os itens 5, 9, 11, 12 e 14, dada a saturação ser inferior a .40 ou saturar em mais do que um componente. No Quadro 6 resumem-se os pesos fatoriais de cada item em cada um dos fatores, assim como a percentagem de variância explicada por cada fator. O primeiro fator apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 1, 3, 7, 16, 18, 20, 22, e 24, explicando 23.48% da variância total. O segundo fator, com pesos fatoriais elevados dos itens 2, 4, 8, 10, 13, e 15, explica 9.94% da variância total. Por fim, o terceiro fator apresenta pesos fatoriais elevados dos itens 6, 17, 19, 21, e 23 e explica 7.31% da variância total. Globalmente, os três fatores explicam 40.72% da variância total.

Atendendo ao conteúdo dos itens em cada fator e ao modelo teórico subjacente à elaboração do questionário, designou-se o primeiro fator de “Afeto” (8 itens), o segundo de “Autonomia” (6 itens) e o terceiro fator de “Controlo” (5 itens).

Quadro 6.

Saturação nos Fatores dos 19 itens do QPRP-F incluídos na Análise Fatorial (N = 185)

Itens	Fatores		
	1	2	3
	23.48%	9.94%	7.31%
Fator 1 - Afeto			
20. Os meus pais são carinhosos.	.818		
24. Quando estou chateado, os meus pais fazem-me sentir melhor.	.777		
18. Os meus pais elogiam-me quando faço uma tarefa bem feita.	.702		
22. Os meus pais mostram interesse pelas coisas que faço.	.685		
7. Os meus pais fazem-me sentir especial.	.669		
1. Os meus pais preocupam-se muito comigo.	.649		
3. Os meus pais e eu somos tão próximos que nos compreendemos perfeitamente.	.639		
16. Os meus pais têm tempo para estar comigo e fazermos coisas juntos.	.615		
Fator 2 - Autonomia			
10. Os meus pais deixam-me fazer coisas que me interessam.		.730	
13. Os meus pais deixam-me fazer o que eu quero.		.672	
2. Os meus pais deixam-me explorar o mundo à minha volta.		.670	
4. Os meus pais deixam-me fazer o que eu gosto.		.605	
8. Os meus pais gostam que eu passe o meu tempo com outras pessoas.		.472	
15. Os meus pais ficam satisfeitos por eu gostar de estar com amigos ou pessoas da minha idade.		.414	
Fator 3 - Controlo			
21. Os meus pais impõem-me regras e limites.			.699
17. Os meus pais obrigam-me a cumprir os meus deveres.			.696
23. Tenho sempre de fazer o que os meus pais querem.			.617
19. Os meus pais dizem-me sempre o que fazer.			.492
6. Os meus pais querem saber tudo o que eu faço.			.473

5.2.2. Precisão

Consistência Interna. O alfa de *Cronbach* foi calculado para determinar a consistência interna dos itens. O QPRP-F total apresenta uma elevada consistência interna ($\alpha = .82$). O primeiro fator, denominado Afeto, apresenta uma consistência interna excelente ($\alpha > .80$), e o segundo fator, Autonomia, apresenta uma consistência interna adequada ($\alpha = .72$). O terceiro fator, Controlo, apresenta um valor de alfa de *Cronbach* insuficiente ($\alpha < .70$), pelo que se determinou o valor médio de correlação entre itens. O fator Controlo apresentou uma correlação média entre itens adequada, com um valor situado entre .20 e .40, revelando uma boa consistência interna.

5.2.3. Intercorrelações entre os fatores do QPRP-F. As correlações entre os fatores variam entre pequenas e médias ($-.07 \leq r \leq .47$), sendo na sua maioria positivas e significativas, o que sugere que os fatores representam de forma adequada os diferentes aspetos da relação pais-filhos percebidos pelos adolescentes.

No Quadro 7 são apresentadas as médias, desvios padrão e valores de consistência interna para cada fator, assim como as correlações entre os três fatores.

Quadro 7.

Médias, Desvios Padrão, Coeficiente de Alfa, correlação média entre itens, e intercorrelações para os fatores do QPRP-F (N = 185)

Variável	M	DP	α <i>Cronbach</i>	Correlação média inter-itens	1	2	3
QPRP-F Total	56.49	7.73	.82	.19			
1. Afeto	25.05	5.04	.87	.47	-		
2. Autonomia	17.17	3.01	.72	.30	.47**	-	
3. Controlo	14.27	2.69	.61	.24	.17*	-.07	-

** Correlações significativas a 1% de significância ($p < .01$)

* Correlações significativas a 5% de significância ($p < .05$)

5.3. Análise da Relação entre os Esquemas Precoces Maladaptativos e as Percepções da Relação Pais-Filhos dos Adolescentes

As correlações entre o Inventário de Esquemas para Crianças (IEC) e o Questionário de Percepção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F) foram calculadas através do coeficiente de Pearson, de forma a analisar a possível relação entre a presença de EPM e a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes.

O Quadro 8 apresenta os valores das correlações entre os fatores do IEC e os do QPRP-F.

5.3.1. Correlações entre os fatores de Esquemas Precoces Maladaptativos e os fatores de percepção da relação pais-filhos dos adolescentes. As correlações encontradas entre os fatores de EPM e os fatores de percepção da relação pais-filhos variam entre pequenas e médias ($-.03 \leq r \leq .48$), existindo 7 correlações significativas que se dividem entre negativas e positivas. O primeiro fator do IEC, Desconexão/ Rejeição, correlaciona-se de forma significativa e negativa com os fatores Afeto ($r = -.330$) e Autonomia ($r = -.393$), indicando que quanto maior é a presença deste tipo de EPM, menor é a percepção dos adolescentes de afeto e autonomia por parte dos pais. O segundo fator do IEC, Foco nos Outros, está correlacionado significativa e negativamente com o fator Autonomia ($r = -.257$), sugerindo que uma maior presença de EPM deste fator se relaciona com uma menor percepção dos adolescentes de autonomia em relação aos seus pais. Verifica-se uma correlação significativa e positiva entre o terceiro fator de EPM, Hipervigilância e Insegurança, e o fator Controlo ($r = .147$), o que aponta para uma relação entre a presença de EPM deste fator e uma maior percepção de controlo dos adolescentes por parte dos seus pais. O quarto fator de EPM, Autonomia e Limites Deficitários, revelou uma correlação significativa positiva tanto com o fator Afeto ($r = .483$), como com o fator Autonomia ($r = .252$), o que sugere que quanto maior for a presença deste tipo de EPM, maior será a percepção dos adolescentes de afeto e autonomia em relação aos seus pais. Por último, o quinto fator de EPM, Direitos Especiais, mostrou uma correlação significativa positiva com o fator Controlo ($r = .214$), revelando que uma maior presença de EPM deste fator está relacionado com uma maior percepção dos adolescentes de controlo por parte dos seus pais.

Quadro 8.

Correlações entre os domínios do IEC e os fatores do QPRP-F (N = 185)

	Afeto	Autonomia	Controlo
1. Desconexão/ Rejeição	-.330**	-.393**	.143
2. Foco nos Outros	-.089	-.257**	.144
3. Hipervigilância e Insegurança	-.034	-.052	.147*
4. Autonomia e Limites Deficitários	.483**	.252**	.142
5. Direitos Especiais	.095	-.074	.214**

** Correlações significativas a 1% de significância ($p < .01$)

* Correlações significativas a 5% de significância ($p < .05$)

5.4. Estudo Psicométrico do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ)

5.4.1. Precisão

Consistência Interna. Para determinar a consistência interna dos itens, foi calculado o alfa de *Cronbach*. O SDQ total apresenta uma consistência interna questionável ($\alpha = .60$), assim como as três subescalas, denominadas Problemas de Internalização, Problemas de Externalização, e Comportamento Pró-Social, que apresentam valores de alfa de *Cronbach* abaixo do considerado adequado ($\alpha < .70$). Desta forma, procedeu-se ao cálculo do valor médio de correlação entre itens para cada subescala. No Quadro 9 é possível observar que nem o SDQ como um todo nem as subescalas em específico apresentam uma correlação média entre itens adequada, com valores que deveriam situar-se entre .20 e .40, excetuando-se apenas a subescala de Comportamento Pró-Social. Assim, conclui-se que este questionário não apresenta uma boa consistência interna, o que é congruente com estudos anteriores, como o de Goodman et al. (2010), que também encontrou valores de alfa de *Cronbach* insuficientes. Este facto pode ser explicado pela existência de itens invertidos, que medem atributos positivos, nas subescalas que avaliam dificuldades, podendo esses itens estar a medir um construto diferente (van de Looij-Jansen, Goedhart, de Wilde, & Treffers, 2011). Para além disso, o SDQ é respondido numa escala de Likert de 3 pontos e, segundo Zumbo, Gadermann e Zeisser (2007), quando são utilizadas escalas de resposta com menos de 5 pontos o valor do coeficiente de alfa pode ser mais reduzido.

5.4.2. Intercorrelações entre as subescalas do SDQ. Todas as correlações entre as subescalas se revelaram pequenas ($.03 \leq r \leq -.25$), sendo na sua maioria positivas. Verificou-se uma correlação positiva e significativa entre a subescala de Problemas Internalizantes e a de Problemas Externalizantes. Por outro lado, surgiu uma correlação significativa negativa entre as subescalas de Problemas Externalizantes e de Comportamento Pró-Social, indicando que quanto maior for a presença de problemas de externalização, menor será a presença de comportamentos socialmente adaptativos.

O Quadro 9 apresenta as médias, desvios padrão e valores de consistência interna para cada subescala, assim como as correlações entre as três subescalas.

Quadro 9.

Médias, Desvios Padrão, Coeficiente de Alfa, correlação média entre itens, e intercorrelações para as subescalas do SDQ (N = 185)

Variável	M	DP	α Cronbach	Correlação média inter-itens	1	2	3
SDQ Total	47.12	4.97	.60	.05			
1. Problemas Internalizantes	16.83	3.09	.59	.12	-		
2. Problemas Externalizantes	17.43	3.10	.61	.14	.24**	-	
3. Comportamento Pró-Social	12.86	1.82	.64	.26	.03	-.25**	-

** Correlações significativas a 1% de significância ($p < .01$)

5.5. Análise dos Determinantes dos Problemas Internalizantes e Externalizantes e do Comportamento Pró-Social

Para determinar se a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes é preditora de problemas de internalização, de externalização, e de comportamentos pró-sociais, foram realizadas análises de regressão múltipla linear entre os fatores do QPRP-F e as três subescalas do SDQ. No Quadro 10 é possível verificar os coeficientes de regressão

estandardizados (β), os intervalos de confiança a 95%, o R^2 , e os valores de F para cada análise efetuada.

Os resultados revelam que os fatores do QPRP-F apresentam uma relevância diferencial em relação a duas das medidas de ajustamento psicológico. No que diz respeito aos Problemas de Internalização, o valor de variância total é bastante reduzido ($R^2 = .06$), assinalando que apenas 6% da variância total nesse tipo de problemas é explicada pelos fatores do QPRP-F, não se justificando a sua análise. Em relação aos Problemas de Externalização, a análise mostra que 13% da variância total ($R^2 = .13$) é explicada pelos fatores do QPRP-F, representando um valor aceitável. Especificamente, o fator Autonomia apresenta uma maior contribuição única para a explicação dos Problemas Externalizantes ($\beta = -.25$), de sentido negativo, apesar do fator Afeto apresentar também uma contribuição estatisticamente significativa negativa ($\beta = -.18$). Os fatores do QPRP-F explicam ainda 16% da variância na subescala de Comportamento Pró-Social ($R^2 = .16$). Neste caso, o fator Afeto detém a maior contribuição única para a explicação desta subescala ($\beta = .27$), embora o fator Autonomia apresente também um valor estatisticamente significativo ($\beta = .19$). O fator Controlo não obteve uma contribuição estatisticamente significativa nem para a subescala de Problemas Externalizantes, nem para a de Comportamento Pró-Social.

Quadro 10.

Análise de Regressão Múltipla Linear dos fatores do QPRP-F nos problemas internalizantes e externalizantes e no comportamento pró-social dos adolescentes

SDQ						
	Problemas Internalizantes		Problemas Externalizantes		Comportamento Pró-Social	
	β	95% IC	β	95% IC	β	95% IC
QPRP-F						
Afeto	-	-	-.18*	[-.21, -.01]	.27**	[.04, .16]
Autonomia	-	-	-.25**	[-.42, -.09]	.19*	[.02, .21]
Controlo	-	-	-.02	[-.18, .14]	.04	[-.07, .12]
R^2	.06		.13		.16	
F	-		9.35**		11.71**	

** Correlações significativas a 1% de significância ($p < .01$)

* Correlações significativas a 5% de significância ($p < .05$)

5.6. Análise das diferenças entre grupos no QPRP-F

Para avaliar se existiam diferenças entre os sexos e os grupos etários dos participantes nas percepções sobre as relações pais-filhos recorreu-se a uma análise de variância multivariada (MANOVA).

Verifica-se uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos etários no conjunto das variáveis dependentes: $F_{(3, 178)} = 9.64, p = .000$, Lambda de Wilks = .857, η^2 parcial = .14. Quando os resultados para as variáveis dependentes foram considerados em separado, e utilizando o ajustamento de Bonferroni⁵ com um nível de alfa de .017, a subescala Afeto atingiu significância estatística: $F_{(1, 178)} = 7.69, p = .006$, η^2 parcial = .04 (Quadro 11). A análise das médias nesta subescala indica que a Adolescência Inicial apresenta uma média superior ($M = 26.23, DP = .56$) em relação à Adolescência Média ($M = 24.15, DP = .50$) (Quadro 12).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre sexos, nem um efeito de interação entre as variáveis independentes (Sexo x Grupo Etário).

Quadro 11.

Resultados dos F Univariados do Grupo Etário no QPRP-F

	QPRP-F	df	F	Sig.	η^2 parcial
				($p < .017$)	
Grupo Etário	Afeto	1	7.69	.006	.04
	Autonomia	1	4.10	.044	.02
	Controlo	1	0.28	.599	.00

Quadro 12.

Médias e Desvios Padrão dos fatores do QPRP-F para a Adolescência Inicial e Média

QPRP-F	Adolescência Inicial (n = 79)		Adolescência Média (n = 101)	
	M	DP	M	DP
Afeto	26.23	.56	24.15	.50
Autonomia	16.62	.34	17.53	.30
Controlo	14.20	.30	14.41	.27

⁵ Para analisar de forma detalhada as diferenças estatisticamente significativas entre grupos é recomendado aumentar-se o alfa para reduzir erros de Tipo I (admitir um resultado estatisticamente significativo quando não o é). Neste sentido, foi utilizado o ajustamento de Bonferroni, que determinou o novo alfa de .017 (.05/3 (nº de variáveis dependentes)). Este valor é usado como referência nas análises entre grupos no QPRP-F.

5.7. Análise das diferenças entre grupos no IEC

Para avaliar se existiam diferenças entre os sexos e os grupos etários nos diferentes fatores de Esquemas Precoces Maladaptativos recorreu-se a uma análise de variância multivariada (MANOVA).

Verifica-se uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos no conjunto das variáveis dependentes: $F_{(5, 178)} = 2.79$, $p = .019$, Lambda de Wilks = .924, η^2 parcial = .08. Quando os resultados para as variáveis dependentes foram considerados em separado, e utilizando o ajustamento de Bonferroni⁶ com um nível de alfa de .01, a única subescala a atingir significância estatística foi a Hipervigilância e Insegurança: $F_{(1, 178)} = 12.35$, $p = .001$, η^2 parcial = .07 (Quadro 13). A análise das médias nesta subescala indica que as raparigas apresentam valores ligeiramente mais elevados ($M = 3.01$, $DP = .05$) do que os rapazes ($M = 2.74$, $DP = .06$) (Quadro 14).

Quadro 13.

Resultados dos F Univariados do Sexo no IEC

	IEC	df	F	Sig. (p < .01)	η^2 parcial
Sexo	Desconexão/ Rejeição	1	2.92	.089	.02
	Foco nos Outros	1	0.36	.547	.00
	Hipervigilância e Insegurança	1	12.35	.001	.07
	Autonomia e Limites Deficitários	1	0.00	.973	.00
	Direitos Especiais	1	0.04	.836	.00

Quadro 14.

Médias e Desvios Padrão dos fatores do IEC para o Sexo Feminino e Masculino

	Feminino (n = 93)		Masculino (n = 85)	
IEC	M	DP	M	DP
Desconexão/ Rejeição	2.06	.06	1.93	.06
Foco nos Outros	2.28	.06	2.23	.06
Hipervigilância e Insegurança	3.01	.05	2.74	.06
Autonomia e Limites Deficitários	2.62	.06	2.62	.06
Direitos Especiais	1.93	.06	1.91	.06

⁶ Para analisar de forma detalhada as diferenças estatisticamente significativas entre grupos é recomendado aumentar-se o alfa para reduzir erros de Tipo I (admitir um resultado estatisticamente significativo quando não o é). Neste sentido, foi utilizado o ajustamento de Bonferroni, que determinou o novo alfa de .01 (.05/ 5 (nº de variáveis dependentes)). Este valor é usado como referência nas análises entre grupos no IEC.

Encontra-se, igualmente, um efeito principal dos grupos etários nas variáveis dependentes: $F_{(5, 178)} = 3.91, p = .002$, Lambda de Wilks = .897, η^2 parcial = .10. No entanto, quando os resultados para as variáveis dependentes foram considerados em separado, utilizando o ajustamento de *Bonferroni* com um nível de alfa de .01, nenhuma subescala atingiu significância estatística. Porém, considerando um alfa de .05, surgem duas subescalas estatisticamente significativas: Foco nos Outros ($F_{(1, 178)} = 4.61, p = .033$, η^2 parcial = .03) e Hipervigilância e Insegurança ($F_{(1, 178)} = 5.24, p = .023$, η^2 parcial = .03) (Quadro 15). A análise das médias nestas subescalas indica que a Adolescência Inicial apresenta um valor ligeiramente superior ($M = 2.34, DP = .06$) ao da Adolescência Média ($M = 2.16, DP = .06$) na dimensão Foco nos Outros, verificando-se o inverso na dimensão Hipervigilância e Insegurança, que parece aumentar com a idade (Adolescência Inicial: $M = 2.78, DP = .06$; Adolescência Média: $M = 2.96, DP = .05$) (Quadro 16).

Não se verificou um efeito significativo da interação entre as variáveis independentes (Sexo x Grupo Etário).

Quadro 15.

Resultados dos F Univariados do Grupo Etário no IEC

Resultados dos F-Exatados do Grupo Etário no IEC					
Grupo Etário	IEC	df	F	Sig. (p < .05)	η^2 parcial
	Desconexão/ Rejeição	1	0.26	.611	.00
	Foco nos Outros	1	4.61	.033	.03
	Hipervigilância e Insegurança	1	5.24	.023	.03
	Autonomia e Limites Deficitários	1	1.81	.181	.01
	Direitos Especiais	1	2.51	.115	.01

Quadro 16.

Médias e Desvios Padrão dos fatores do IEC para a Adolescência Inicial e Média

IEC	Adolescência Inicial (n = 79)		Adolescência Média (n = 99)	
	M	DP	M	DP
Desconexão/ Rejeição	1.98	.06	2.02	.05
Foco nos Outros	2.34	.06	2.16	.06
Hipervigilância e Insegurança	2.78	.06	2.96	.05
Autonomia e Limites Deficitários	2.67	.06	2.56	.05
Direitos Especiais	1.85	.06	1.99	.06

6. Discussão de Resultados

6.1. Discussão

A presente investigação pretende estudar os Esquemas Precoces Maladaptativos que possam surgir ou expressar-se na adolescência, a percepção da relação pais-filhos pelos adolescentes, que contribui para a regulação das suas necessidades psicológicas, e a possível relação entre estas duas variáveis. Para além disso, pretende-se perceber se a percepção da relação pais-filhos dos adolescentes é preditora de problemas de internalização, de externalização, e de comportamentos pró-sociais.

Os resultados mostram evidências da utilidade do Inventário de Esquemas para Crianças (IEC) como medida da presença de Esquemas Precoces Maladaptativos (EPM) na adolescência, em população portuguesa. A análise fatorial conduzida sugere uma estrutura de cinco fatores que englobam os mesmos 15 esquemas específicos encontrados no estudo de Rijkeboer e de Boo (2010). De acordo com esse estudo, os itens associados ao primeiro fator, Desconexão/ Rejeição, correspondem a esquemas de Solidão (que inclui os esquemas de Isolamento Social/ Alienação e Privação Emocional), Defeituosidade/ Vergonha, Submissão (que abrange os esquemas de Dependência/ Incompetência, Subjugação e Inibição Emocional) e Fracasso. Estes esquemas estão relacionados com a carência de necessidades básicas, como afeto, proteção, aceitação, e respeito (Young et al., 2003), o que se pode manifestar na forma como o adolescente se relaciona com os outros e consigo próprio. Por um lado, pode criar falta de confiança nos outros, insegurança, receio, ou mesmo isolamento, enquanto por outro pode criar baixa autoestima e autoconfiança, incapacidade de autonomia no desempenho de tarefas, ou a sensação de se ser inferior aos outros ou indesejado (Young et al., 2003). De notar que, neste primeiro fator, a tradução e interpretação do item 9 na língua portuguesa (“Eu não sinto que pertença a um grupo”) mostrou-se diferente da proposta por Rijkeboer e de Boo (2010), pelo que, no presente estudo, se considerou este item como pertencente ao esquema de Solidão e não de Vulnerabilidade.

O fator Foco nos Outros mostrou-se associado a esquemas de Submissão (que inclui os esquemas de Dependência/ Incompetência, Subjugação e Inibição Emocional) e Autossacrifício. Pessoas com este tipo de esquemas tendem a focar-se excessivamente nas necessidades, sentimentos e opiniões dos outros, em detrimento das suas próprias necessidades e desejos, de forma a manterem ligações, relações, e evitarem conflitos, abandono, ou desaprovação (Young et al., 2003). Desta forma, podem ficar dependentes

de outros, suprimir desejos, opiniões ou emoções, reprimir necessidades próprias para ajudar outros, ou mesmo inibir todo o tipo de impulsos e ações espontâneas (Young et al., 2003). Os esquemas associados ao terceiro fator, Hipervigilância e Insegurança, são os de Vulnerabilidade (que engloba os esquemas de Abandono/ Instabilidade e Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença), Desconfiança/ Abuso, Solidão (que inclui os esquemas de Isolamento Social/ Alienação e Privação Emocional), e Padrões elevados/ Hipercriticismo. Estes esquemas estão relacionados com uma preocupação e expectativas excessivas sobre o próprio, aqueles que lhe são próximos, o futuro, e o ambiente em que vivem. Isto pode manifestar-se em insegurança nas relações e receio de abandono, desconfiança e expectativas de aproveitamento pessoal, sensação de privação de empatia e proteção, para além de um receio exagerado de que algo de catastrófico possa acontecer a si ou a outros, e o estabelecimento de metas extremamente rígidas e exigentes a alcançar (Young et al., 2003).

O quarto fator, Autonomia e Limites Deficitários, está relacionado com esquemas de Emaranhamento/ Self Subdesenvolvido, Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes, e Autossacrifício. Assim, este fator parece estar associado a dificuldades de autonomia e individuação das figuras cuidadoras, assim como défices na capacidade de controlo dos impulsos e tolerância à frustração, podendo haver a necessidade de agradar aos outros para aumentar a sua autoestima e manter relações (Young et al., 2003). Por último, o fator Direitos Especiais está associado apenas ao esquema de Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade, o qual se relaciona com a perceção de que se é superior aos outros, mais importante, merecedor de mais privilégios e capaz de se ter ou fazer tudo aquilo que se quiser (Young et al., 2003). Pode haver também competitividade, necessidade de afirmação e controlo, a par de uma elevada falta de empatia ou preocupação com outros (Young et al., 2003).

No entanto, a estrutura fatorial obtida difere da do estudo de Rijkeboer e de Boo (2010), que identificou 11 fatores numa amostra de adolescentes holandeses. Desta forma, a primeira questão de investigação não é confirmada, embora os fatores encontrados reflitam uma possível estrutura adequada à identificação de Esquemas Precoces Maladaptativos na adolescência diferente da encontrada em estudos anteriores. Uma possível explicação para esta discrepância entre o presente estudo e o de Rijkeboer e de Boo (2010) é o facto dos participantes em cada estudo serem de diferentes idades. Enquanto no estudo holandês participaram jovens entre os 8 e os 13 anos, a presente

investigação incluiu adolescentes entre os 10 e os 17 anos, pelo que as suas características psicológicas podem diferir face aos diferentes níveis de desenvolvimento em que se encontram. As exigências e características desenvolvimentistas típicas da adolescência inicial e média são distintas entre si, o que pode ter contribuído para uma menor diferenciação entre esquemas específicos no presente estudo, comparativamente ao de Rijkeboer e de Boo (2010), e a uma identificação de 5 fatores mais abrangentes. No estudo de Saritaş e Gençöz (2011), com uma amostra turca de adolescentes entre os 15 e os 18 anos, os resultados indicaram uma estrutura fatorial de 3 fatores, correspondentes a subescalas gerais que englobavam em si vários esquemas específicos. Adicionalmente, o estudo de Muris (2006), com jovens holandeses entre os 12 e os 15 anos, identificou também uma estrutura de 3 fatores mais amplos aos quais pertenciam esquemas particulares. Assim, a estrutura fatorial do presente estudo, onde se identificaram 5 fatores abrangentes de esquemas individuais, parece ser semelhante à de outros estudos anteriores, podendo constituir uma forma igualmente válida de identificação de Esquemas Precoces Maladaptativos na adolescência, embora não seja tão específica quanto a de Rijkeboer e de Boo (2010).

Em relação ao Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F), foi analisada pela primeira vez a sua adequação como medida da perceção dos adolescentes acerca da relação com os seus pais, a qual contribuiria para a regulação da satisfação das suas necessidades psicológicas. A análise fatorial realizada identifica uma estrutura de três fatores, os quais correspondem, em parte, às polaridades dialéticas de necessidades propostas por Sá (2019). O fator “Afeto” corresponde à polaridade 1. Afeto/Carinho – Distância emocional, enquanto os fatores “Autonomia” e “Controlo” correspondem ambos à polaridade 6. Controlo – Autonomia. Desta forma, a segunda questão de investigação não é confirmada, visto não terem surgido fatores correspondentes às 6 dialéticas de necessidades psicológicas. No entanto, este questionário é bastante recente e foi apenas utilizado no presente estudo, até à data, pelo que será necessária uma reformulação e melhoramento, de forma a conseguir avaliar de forma mais adequada esta variável. Contudo, a consistência interna revelou-se adequada, tanto do QPRP-F como um todo, como das três subescalas. Para além disso, todas as correlações entre as subescalas foram positivas e significativas, exceto entre o fator “Autonomia” e o fator “Controlo”. Este resultado faz sentido face ao carácter destes dois fatores segundo Sá (2019), pois consistem em polos opostos de uma mesma dialética de

necessidades. Assim sendo, é natural a sua intercorrelação, apesar de não significativa, ser baixa e negativa, pois quanto mais autonomia é percebida pelo adolescente, menos controle ele percebe por parte dos seus pais, verificando-se o mesmo em sentido contrário.

Adicionalmente, os três fatores encontrados parecem poder relacionar-se com as três categorias de necessidades psicológicas fundamentais da Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 2009), sendo que o fator Afeto corresponderia à necessidade de Proximidade, o fator Autonomia à necessidade de Autonomia, e o fator Controle à necessidade de Competência. A Teoria da Autodeterminação defende que estas três necessidades básicas devem estar satisfeitas para o indivíduo conseguir ser autodeterminado, ou seja, conseguir autorregular o seu próprio comportamento (Deci & Ryan, 2009). Neste processo, o contexto social em que a pessoa se insere tem um papel fundamental, pois deve permitir e contribuir para a satisfação dessas três necessidades básicas, o que irá facilitar a regulação de comportamentos nesse mesmo contexto (Deci & Ryan, 2009). Desta forma, faz sentido que tenham surgido estes três fatores na análise do presente estudo, pois não só refletem a importância do contexto familiar, ao terem por base a percepção dos adolescentes da relação com os seus pais, como parecem ser os fatores fundamentais para a satisfação das necessidades psicológicas dos adolescentes.

A relação entre a presença de Esquemas Precoces Maladaptativos e a percepção dos adolescentes acerca da relação com os seus pais foi analisada através das correlações entre os 5 fatores obtidos no IEC e os 3 fatores identificados no QPRP-F. O fator Desconexão/ Rejeição correlacionou-se negativa e significativamente com os fatores Afeto e Autonomia, o que é congruente com os sentimentos e expectativas inerentes aos esquemas desse fator, caracterizados por falta de afeto, confiança e segurança por parte dos cuidadores, e ainda défices na autonomia, podendo haver uma percepção de incapacidade em lidar com tarefas e responsabilidades diárias sem ajudas externas (Young et al., 2003). A família típica de pessoas com este tipo de esquemas é geralmente desapegada, negligente, imprevisível, com tendência a diminuir a confiança do jovem e não reforçar desempenhos competentes que o adolescente apresente fora do contexto familiar (Young et al., 2003).

O fator Foco nos Outros apresentou uma correlação significativa negativa com o fator Autonomia, sendo algo expectável visto que pessoas com este tipo de esquemas tendem a focar-se excessivamente nos sentimentos e necessidades dos outros, podendo

mesmo depender de tomadas de decisão ou aprovação externas (Young et al., 2003), pelo que a sua percepção de autonomia é naturalmente mais deficitária. O adolescente tende a sentir que deve reprimir partes de si, como emoções, opiniões, desejos e necessidades, para conseguir obter o amor e a aprovação da sua família, que pode mesmo ser excessivamente austera e exigente (Young et al., 2003). Isto faz com que o jovem frequentemente ceda o controlo a outros, iniba as suas emoções e necessidades, e seja incapaz de lidar com tarefas e problema diários sem a ajuda de outros (Young et al., 2003), prejudicando o seu sentido de autonomia.

Por outro lado, o fator Hipervigilância e Insegurança correlacionou-se de forma significativa e positiva com o fator Controlo, o que é concordante com o controlo excessivo que as pessoas com este tipo de esquemas tendencialmente apresentam. Esse controlo pode manifestar-se na definição de regras e padrões de desempenho extremamente elevados e exigentes, assim como no desejo de controlar o ambiente à sua volta, associado ao medo de que algo catastrófico possa acontecer (Young et al., 2003). A típica família de origem de pessoas com este tipo de esquemas pode ser exigente e austera, ou mesmo superprotetora, o que se relaciona igualmente com o controlo que os adolescentes percecionam da parte dos seus pais, tanto relativamente a padrões elevados que pretendem que o filho atinja, como ao cumprimento rígido de regras, ou à constante necessidade de saber onde, como e o que é que o filho está a fazer (Young et al., 2003). Assim, parece haver um efeito circular em que, quanto maior controlo os pais exercem sobre o jovem, maior controlo ele vai também exercer sobre ele próprio, o que pode levar a uma maior hipervigilância e desenvolvimento de esquemas relacionados.

O fator Autonomia e Limites Deficitários, por sua vez, mostrou uma correlação significativa positiva com os fatores Afeto e Autonomia. A relação com o afeto é previsível, pois as pessoas com estes esquemas tendem a crescer num ambiente familiar superprotetor, com excessiva permissividade e indulgência, podendo mesmo haver emaranhamento com um ou mais dos cuidadores primários (Young et al., 2003). Porém, a relação entre existirem défices de autonomia e, simultaneamente, uma percepção de autonomia por parte dos cuidadores não parece ser tão legítima. No entanto, esta relação pode ser analisada segundo a perspetiva de que o adolescente, ao percecionar demasiada autonomia por parte dos seus pais, pode sentir-se desamparado nalgumas áreas da sua vida, com falta de apoio, direção e disciplina dos seus cuidadores, o que é comum em famílias de pessoas que desenvolvem o esquema de Autocontrolo/ Autodisciplina

insuficientes (Young et al., 2003), que se inclui neste fator de Autonomia e Limites Deficitários. Desta forma, ao sentirem esse excesso de autonomia e falta de orientação, os jovens podem criar défices na sua autonomia que se manifestam em dificuldades de autocontrolo e tolerância à frustração (Young et al., 2003).

Por fim, o fator Direitos Especiais correlacionou-se significativa e positivamente com o fator Controlo, o que faz sentido face à elevada necessidade de controlo que tendencialmente as pessoas com este tipo de esquemas apresentam. O jovem tende a acreditar que pode ser e ter tudo aquilo que quiser, independentemente das consequências e dos danos que possa causar a outros, ambicionando normalmente ter poder e controlo sobre tudo e todos para atingir os seus objetivos (Young et al., 2003). Por outro lado, o adolescente pode também percecionar um foco exagerado na superioridade e necessidade de controlo por parte dos seus pais, o que é comum nas famílias de origem de pessoas que desenvolvem este tipo de esquemas (Young et al., 2003). Desta forma, pode concluir-se que a terceira questão de investigação é confirmada, verificando-se uma relação entre a presença de EPM e o que os adolescentes percecionam da sua relação com os seus pais.

No que diz respeito à possível relação entre a perceção da relação pais-filhos dos adolescentes e o desenvolvimento de problemas internalizantes, externalizantes, e de comportamentos pró-sociais, os resultados mostram um poder preditivo de alguns dos fatores do QPRP-F em relação à maioria das subescalas do SDQ. As perceções dos adolescentes da relação com os seus pais não parecem ter um valor preditivo relativamente aos Problemas de Internalização. Com os Problemas de Externalização já se verificou uma relação significativa negativa, com resultados que indicam que um défice percebido no Afeto e Autonomia sentidos pelos adolescentes em relação aos seus pais pode predizer o desenvolvimento de problemas externalizantes, como problemas de comportamento ou hiperatividade. Apesar de ambos terem apresentado valores significativos, o fator Autonomia apresenta um maior poder preditivo comparativamente ao fator Afeto. Relativamente ao Comportamento Pró-Social, verificou-se uma relação significativamente positiva com os fatores Afeto e Autonomia, sugerindo que uma maior perceção dos adolescentes de afeto e autonomia por parte dos seus pais pode conduzir ao desenvolvimento de competências e comportamentos socialmente adaptativos. Contrariamente à subescala anterior, o fator que apresenta um maior poder preditivo é o Afeto, embora ambos tenham mostrado valores significativos. O fator Controlo foi o único que não revelou qualquer relação com as subescalas do SDQ, indicando que, com

a população do presente estudo, esta não parece ser uma característica da relação pais-filhos que possa prever o desenvolvimento de quaisquer tipo de problemas ou comportamentos nos adolescentes. Assim sendo, o quarto objetivo foi atingido, revelando-se uma relação significativa entre a maioria dos fatores do QPRP-F e as subescalas do SDQ.

Adicionalmente, a presente investigação propôs-se a analisar as diferenças entre sexos e grupos etários nas duas variáveis principais do estudo.

Em relação à percepção da relação pais-filhos pelos adolescentes, os resultados mostraram a existência de diferenças entre grupos etários, não tendo sido encontradas diferenças significativas entre sexos ou na interação entre sexo e grupo etário. No entanto, apenas o fator Afeto apresentou uma diferença significativa entre a adolescência inicial e a média, indicando que o afeto percebido pelos adolescentes em relação aos seus pais tende a diminuir com a idade, isto é, existe uma maior percepção de afeto dos pais na adolescência inicial (entre os 10 e os 12 anos) comparativamente à adolescência média (entre os 13 e os 16 anos). Este resultado é concordante com a bibliografia existente sobre a adolescência, que mostra uma maior individuação e autonomia dos adolescentes em relação aos pais no período de adolescência média (Onrust, Otten, Lammers, & Smit, 2016), assim como uma maior tendência para o desenvolvimento de problemas de regulação dos afetos (Steinberg, 2005). Para além disso, na adolescência inicial há ainda uma grande dependência dos cuidadores, existindo naturalmente uma maior proximidade e percepção de afeto, enquanto na adolescência média ocorre até um aumento da frequência e intensidade dos conflitos com os pais (Steinberg, 2005). Posto isto, a quarta questão de investigação não é confirmada, pois não se verificaram diferenças entre as raparigas e os rapazes adolescentes na sua percepção da relação pais-filhos, enquanto que a quinta questão de investigação é confirmada no que diz respeito ao afeto percebido, havendo diferenças entre os períodos de adolescência inicial e de adolescência média.

Relativamente aos Esquemas Precoces Maladaptativos, foram verificadas diferenças entre grupos, tanto entre sexos como entre grupos etários. No que diz respeito ao sexo, a única diferença significativa identificada foi na subescala Hipervigilância e Insegurança, a qual revelou que as raparigas parecem manifestar mais este tipo de esquemas, comparativamente aos rapazes. Este resultado é, em parte, congruente com o estudo de Santos et al. (2018) que apoiou as hipóteses colocadas na presente investigação, no que diz respeito aos esquemas de Abandono/ Instabilidade e Desconfiança/ Abuso. No

entanto, mostra-se contrastante em relação ao esquema de Padrões elevados/ Hipercriticismo, no qual Santos e colaboradores (2018) obtiveram valores mais elevados nos rapazes, e não nas raparigas. Assim, a primeira hipótese de investigação não é confirmada, verificando-se inclusive o seu oposto no que diz respeito ao esquema Padrões elevados/ Hipercriticismo. Paralelamente, a segunda hipótese de investigação é parcialmente confirmada, visto que as raparigas apresentaram valores mais elevados do que os rapazes nos esquemas Abandono/ Instabilidade e Desconfiança/ Abuso, apesar de não se ter encontrado diferenças no esquema de Autossacrifício.

O resultado díspar encontrado face ao estudo de Santos et al. (2018) pode ser explicado pelos estereótipos e pressões frequentemente associados e impostos ao sexo feminino, contrariamente ao sexo masculino. O esquema de Padrões elevados/ Hipercriticismo está relacionado com exercer uma pressão e um foco muito maior no cumprimento de regras, no desempenho e no dever, em detrimento do prazer, alegria e relaxamento, podendo estar associado a padrões demasiado elevados e exigentes, perfeccionismo, hipercriticismo, e preocupação excessiva com o desempenho e comportamentos éticos (Young et al., 2003). Todos estes fatores são típica e culturalmente mais impostos e esperados das raparigas do que dos rapazes, o que pode explicar o facto de, no presente estudo, ter sido esse o sexo que apresentou uma maior presença deste tipo de esquemas.

No estudo de Nunner-Winkler, Meyer-Nikele e Wohlrab (2007), os autores referem que os estereótipos de género podem ter um impacto especial na adolescência, devido a ser um período de definição da identidade, em termos de papéis sociais, objetivos de vida, ou valores que os jovens querem seguir, sendo que neste processo os rapazes e as raparigas deparam-se com diferentes expectativas de desempenho e papel, normalmente definidas culturalmente. No mesmo estudo, os resultados indicaram que adolescentes de ambos os sexos associam tipicamente as raparigas a características mais positivas, menos agressividade e um melhor comportamento ético e moral, comparativamente aos rapazes, aos quais associam o oposto. Estes resultados mostram-se congruentes com as raparigas terem apresentado, no presente estudo, valores mais elevados em esquemas relacionados com a definição de padrões elevados e regras rígidas a cumprir, como normas morais e éticas.

A dissertação de Carvalho (2010) refere ainda que a família tem um papel fundamental na perpetuação de estereótipos de género, concedendo frequentemente mais

liberdade e independência aos rapazes e mais dependência e responsabilidades às raparigas, o que também se relaciona com as características típicas das famílias de origem de pessoas que desenvolvem o esquema Padrões elevados/ Hipercrítico, que são extremamente austeras, exigentes e punitivas (Young et al., 2003). Neste sentido, é natural que, na presente investigação, as raparigas possam sentir esta maior exigência da parte dos seus cuidadores e desenvolvam uma maior hipervigilância, hipercrítico, definição de padrões elevados, perfeccionismo, e definição de regras rígidas nas várias áreas da sua vida.

Em relação à variável grupo etário, foram encontradas diferenças entre grupos significativas nas subescalas Foco nos Outros e Hipervigilância e Insegurança. Os resultados sugerem uma maior presença de esquemas associados ao Foco nos Outros na adolescência inicial, comparativamente à adolescência média, o que é congruente com o estudo de Muris (2006) que mostrou uma correlação negativa entre a idade e a presença do esquema de Autossacrifício, pertencente a este fator. Para além disso, o resultado revela-se também coerente com características típicas da adolescência inicial, que coincidem com alguns dos traços gerais representativos de esquemas deste fator, como uma maior infantilidade e proximidade aos cuidadores, procura de aprovação, cumprimento das regras e expectativas da família e falta de conhecimento sobre os sentimentos e necessidades do próprio (Young et al., 2003). Desta forma, a terceira hipótese de investigação é confirmada.

Relativamente à subescala Hipervigilância e Insegurança parece haver uma evolução contrária, com resultados que sugerem que com o aumento da idade tende também a aumentar a presença deste tipo de esquemas. Este resultado faz sentido face às características próprias da adolescência inicial, onde há normalmente um maior relaxamento, autoexpressão, maior sensação de felicidade, proteção, estabilidade e amor, a par de uma generalizada falta de preocupações com a vida e o futuro. Estas perceções vão mudando ao longo do desenvolvimento e tornam-se contrastantes com as exigências que surgem na adolescência média, onde se torna natural haver uma maior hipervigilância, preocupação com o futuro, medo que algo indesejável aconteça, definição de objetivos e padrões a alcançar, cumprimento de regras, ou mesmo uma maior desconfiança em relação aos outros, que são também características típicas dos esquemas deste fator de Hipervigilância e Insegurança (Young et al., 2003). Sendo assim, a quarta

hipótese de investigação não se confirma, no sentido em que não foram encontradas diferenças significativas entre grupos etários no fator Desconexão/ Rejeição.

6.2. Limitações e sugestões para estudos futuros

A amostra do presente estudo foi recolhida apenas num agrupamento de escolas do distrito de Lisboa, pelo que pode não ser representativa da diversidade de características e experiências dos adolescentes em Portugal. Neste sentido, seria importante replicar o estudo em diversos agrupamentos de escolas do país, de forma a obter-se uma amostra maior e mais diversificada, que represente de forma mais adequada a população de adolescentes portugueses.

Adicionalmente, a recolha da amostra no presente estudo teve de ser interrompida por motivos de força maior, associados à pandemia de Covid-19, pelo que não se conseguiu recolher dados dos adolescentes do ensino secundário, pertencentes à adolescência tardia. Assim, seria também relevante, em estudos futuros, a recolha de uma amostra que incluísse jovens entre o 5º e o 12º ano de escolaridade, abrangendo todo o período da adolescência, incluindo a inicial, média e tardia.

O facto de 13.1% da amostra do presente estudo ser constituída por adolescentes de nacionalidades diferentes da portuguesa pode também constituir uma limitação e ter influenciado os resultados da investigação. Nomeadamente, o QPRP-F analisa a relação entre pais e filhos, a qual é fortemente influenciada pela cultura. Assim, jovens que cresceram com pais de diferentes *backgrounds* culturais podem ter diferentes perceções de autonomia, controlo e afeto da parte dos seus pais, o que pode advir unicamente de crenças, atitudes e expectativas específicas da cultura dos cuidadores e não de possíveis carências na satisfação das necessidades psicológicas. Em estudos futuros, deve ter-se em consideração este aspeto cultural, selecionando-se apenas participantes de nacionalidade portuguesa, de forma a refletir de forma mais precisa a população específica de adolescentes portugueses.

Uma outra possível limitação do estudo é o facto de se utilizarem, nalguns questionários, itens formulados na negativa, os quais dificultaram o preenchimento por parte de alguns participantes no presente estudo. Esta questão mostrou-se particularmente importante em participantes mais novos, que apresentaram dúvidas sobre a resposta que deveriam atribuir a certos itens, como por exemplo “Os meus pais não me ajudam quando eu preciso” (QPRP-F). Neste caso, alguns jovens não sabiam se deviam responder 1 =

Nunca ou 4 = Sempre, quando queriam dizer que os pais os ajudam, por exemplo. Em estudos futuros, deve ter-se em atenção este tipo de itens, principalmente com participantes mais jovens, reformulando-os quando possível.

As análises efetuadas no presente estudo indicam ainda que o QPRP-F precisa de ser reformulado e melhorado de forma a refletir melhor a variável que pretende medir, o que é natural visto ter sido a primeira vez que foi aplicado e analisado. Um dos aspetos a ter em consideração em estudos futuros, que se tornou saliente aquando da aplicação na presente amostra, é o facto de o questionário se chamar “Os meus pais” e os itens se referirem sempre aos “meus pais”. Isto causou alguma confusão e dificuldade em alguns participantes, particularmente em jovens com os pais separados ou divorciados, ou em que um dos progenitores faleceu, ou casos em que o jovem não convive ou nunca conheceu sequer os seus pais, vivendo com outros familiares, por exemplo. Neste sentido, o questionário deve ser reformulado para abranger o máximo de situações familiares possíveis e não causar constrangimentos ou vieses no preenchimento e posterior análise dos itens. A autora da presente investigação e a sua orientadora propõem a alteração de “pais” para “cuidadores” e até uma possível distinção por item entre “mãe” e “pai”, ou “cuidador 1” e “cuidador 2”. Isto porque alguns participantes também manifestaram dificuldades em responder por sentirem que dariam respostas diferentes a um mesmo item consoante pensassem na sua mãe ou no seu pai, o que os pode ter levado a respostas que, na análise posterior, refletem de forma menos adequada a sua perceção da relação pais-filhos. Esta possível alteração é congruente com outros questionários elaborados para crianças e/ ou adolescentes que também fazem esta distinção, disponibilizando duas opções de resposta a cada item ou dois modelos do mesmo instrumento, um para a mãe e outro para o pai (e.g., Parker, Tupling, & Brown, 1979; Stattin & Kerr, 2000).

Por último, a relação obtida entre o fator Autonomia e Limites Deficitários do IEC e o fator Autonomia do QPRP-F suscita algumas questões, pois não parece coerente que um adolescente que tenha esquemas relacionados com défices na autonomia perceçione, simultaneamente, um sentido de autonomia da parte dos seus pais. Desta forma, estudos futuros, com uma maior amostra e um melhoramento do QPRP-F, deverão analisar este resultado para verificar a sua veracidade e coerência. Além disso, os Problemas de Internalização do SDQ no presente estudo não apresentaram uma relação significativa com nenhum dos fatores do QPRP-F. Desta forma, surge uma questão de investigação para um possível estudo futuro: Será que os adolescentes cujos pais promovem a

autonomia se sentem mais inclinados a partilhar as suas atividades e sentimentos com os pais? Se esta questão se confirmasse, isto poderia estar na base não só do desenvolvimento de esquemas de Autonomia e Limites Deficitários, nomeadamente de maior proximidade dos cuidadores e emaranhamento, como na prevenção da presença de problemas internalizantes, pois o jovem teria mais confiança e abertura para falar com os cuidadores. Concluindo, estudos futuros deverão explorar melhor a relação entre o fator Autonomia e Limites Deficitários do IEC, o fator Autonomia do QPRP-F, e a subescala Problemas Internalizantes do SDQ.

6.3. Implicações Clínicas

A utilização do IEC na prática clínica em Portugal pode ser bastante útil para a identificação da presença de Esquemas Precoces Maladaptativos em adolescentes. Não existem muitos estudos anteriores sobre os EPM na adolescência em Portugal. No entanto, a literatura mostra que intervenções mais precoces têm benefícios na prevenção do desenvolvimento de EPM na vida adulta, que podem causar mal-estar psicológico ou mesmo desencadear perturbações psicológicas (Young et al., 2003). Desta forma, este instrumento pode ajudar clínicos a orientar e aplicar uma terapia focada nos esquemas com adolescentes, utilizando o IEC como instrumento de despiste ou mesmo de identificação de EPM já existentes. Isto pode ajudar o terapeuta a trabalhar os EPM de forma mais consciente e adaptada com pacientes adolescentes.

O facto de se ter identificado certos esquemas que estão mais presentes nas raparigas do que nos rapazes também permite uma melhor orientação em terapia, preparando profissionais que se deparem com adolescentes pertencentes a esse sexo. Adicionalmente, o facto de se saber quais os EPM mais prevalentes na adolescência inicial e na média permite uma melhor intervenção terapêutica consoante a idade e o nível de desenvolvimento do adolescente em questão.

O QPRP-F pode também constituir uma mais-valia na prática clínica, para a análise da perceção que os adolescentes têm da sua relação com os seus pais, em Portugal. O presente estudo indica que o instrumento pode ser particularmente importante para avaliar as perceções de autonomia, controlo e afeto dos jovens. No entanto, são precisos mais estudos e reformulações deste questionário, visto ter sido esta a primeira vez que foi utilizado. Não obstante, o QPRP-F pode ser útil na avaliação da satisfação das necessidades psicológicas dos adolescentes, através da perceção que os jovens têm da

forma como os seus pais satisfazem essas necessidades, algo que até então foi apenas estudado em adultos.

Uma vez mais, o facto de se perceber as diferenças entre grupos na percepção dos adolescentes da relação com os seus pais pode contribuir para uma terapia ou intervenção mais orientada, segundo as características do paciente. Com o QPRP-F apenas se observaram diferenças entre a adolescência inicial e a média, especificamente no afeto percebido pelos jovens. Contudo, esta foi apenas uma primeira análise feita ao questionário e com uma população restrita, pelo que estudos futuros poderão mostrar melhores evidências de diferenças entre grupos.

A utilização, na prática clínica, destes dois instrumentos em conjunto, o IEC e o QPRP-F, pode também ser bastante útil, visto terem-se observado correlações significativas entre os fatores obtidos no IEC e os encontrados no QPRP-F. Desta forma, o terapeuta consegue não só identificar que EPM estão presentes, como também quais as necessidades que o paciente sente que não estão a ser satisfeitas pelos seus pais, as quais podem estar na base do desenvolvimento desses mesmos EPM. Isto permite uma intervenção mais completa, holística, que consegue olhar para os problemas atuais do adolescente como resultado de um processo de vinculação e interação com outros ao longo da sua infância e adolescência, o que permitirá atuar nas áreas mais afetadas e prevenir o seu desenvolvimento para algo mais grave e duradouro na vida adulta.

O uso do QPRP-F revela-se ainda como possivelmente útil no despiste, identificação e prevenção de problemas externalizantes na adolescência, dada a relação observada com o SDQ. Estes dois instrumentos em conjunto podem fornecer informação valiosa a profissionais da psicologia clínica e educacional para a identificação da origem dos problemas manifestados pelos adolescentes nos vários contextos de vida, ou para a prevenção do desenvolvimento desses problemas. Para além disso, permite também atuar de forma mais focada e precisa nas necessidades reais que o adolescente sente como deficitárias e nos problemas associados a essa carência.

Por último, todos os questionários utilizados no presente estudo são de autorrelato. Esta característica mostra-se como vantajosa na prática clínica, visto que muitas vezes os jovens têm mais dificuldade em descrever ou expressar as suas emoções e pensamentos, comparativamente aos adultos. Assim, o preenchimento destes instrumentos pode

facilitar a identificação, por parte do clínico, das dificuldades ou questões que o jovem possa sentir ou apresentar.

Referências

- Alba, J., Calvete, E., Wante, L., Van Beveren, M., & Braet, C. (2018). Early Maladaptive Schemas as Moderators of the Association between Bullying Victimization and Depressive Symptoms in Adolescents. *Cognitive Therapy and Research*, 42, 24-35. doi:10.1007/s10608-017-9874-5
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 319-334). New York: The Guilford Press.
- Briggs, S. R., & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54(1), 106-148. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1986.tb00391.x>
- Carvalho, M. (2010). *A Escola e as Desigualdades de Género: Percepções de discentes do ensino secundário*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2009). Self-Determination. In I. B. Weiner, & W. E. Craighead (Eds.), *The Corsini Encyclopedia of Psychology* (pp. 1-2). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Faustino, B., & Vasco, A. B. (2020a). Early Maladaptive Schemas and Cognitive Fusion on the Regulation of Psychological Needs. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 50, 105-112. doi:<https://doi.org/10.1007/s10879-019-09446-3>
- Faustino, B., & Vasco, A. B. (2020b). Schematic Functioning, Interpersonal Dysfunctional Cycles and Cognitive Fusion in the Complementary Paradigmatic Perspective: Analysis of a Clinical Sample. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 50, 47-55. doi:<https://doi.org/10.1007/s10879-019-09422-x>
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A. & Gaspar, F. (2004). *Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa*. Retirado de [http://sdqinfo.org/py/sdqinfo/b3.py?language=Portugueseqz\(Portugal\)](http://sdqinfo.org/py/sdqinfo/b3.py?language=Portugueseqz(Portugal))
- Fonseca, M. J. (2012). *Relação entre a regulação da satisfação das necessidades*

psicológicas, funcionamento esquemático e alexitimia. (Dissertação de Mestrado)
Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa.

- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to Use Broader Internalising and Externalising Subscales Instead of the Hypothesised Five Subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): Data from British Parents, Teachers and Children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 1179-1191. doi:10.1007/s10802-010-9434-x
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A Research Note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581-586. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>
- Muris, P. (2006). Maladaptive Schemas in Non-Clinical Adolescents: Relations to Perceived Parental Rearing Behaviours, Big Five Personality Factors and Psychopathological Symptoms. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 13, 405-413. doi:10.1002/cpp.506
- Nunner-Winkler, G., Meyer-Nikele, M., & Wohlrab, D. (2007). Gender Differences in Moral Motivation. *Merrill-Palmer Quarterly*, 53(1), 26-52. doi:<https://doi.org/10.1353/mpq.2007.0003>
- Onrust, S. A., Otten, R., Lammers, J., & Smit, F. (2016). School-based programmes to reduce and prevent substance use in different age groups: What works for whom? Systematic review and meta-regression analysis. *Clinical Psychology Review*, 44, 45-59. doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.cpr.2015.11.002>
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)*. Crows Nest, NSW: Allen & Unwin.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). Parental Bonding Instrument (PBI). *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10. Retirado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.716.3877&rep=rep1&type=pdf>
- Rijkeboer, M. M., & de Boo, G. M. (2010). Early maladaptive schemas in children:

- Development and validation of the schema inventory for children. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 41, 102-109. doi:10.1016/j.jbtep.2009.11.001
- Sá, I. (2019). Regulação da satisfação das necessidades psicológicas na adolescência. Questionário de Perceção da Relação Parental – Filhos (QPRP-F). Texto policopiado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Santos, L., Vagos, P., & Rijo, D. (2018). Dimensionality and Measurement Invariance of a Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 27, 2100-2111. doi:<https://doi.org/10.1007/s10826-018-1050-3>
- Saritaş, D., & Gençöz, T. (2011). Psychometric Properties of "Young Schema Questionnaire - Short Form 3" in a Turkish Adolescent Sample. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 11(1), 83-96. Retirado de <http://eds.b.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=b5cad321-fd14-4ff2-9bf2-da96d748ba36%40pdc-v-sessmgr02>
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental Monitoring: A Reinterpretation. *Child Development*, 71(4), 1072-1085. doi:10.1111/1467-8624.00210
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(2), 69-74. doi:10.1016/j.tics.2004.12.005
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using Multivariate Statistics*. Boston: Pearson.
- Teixeira, D. (2010). *Esquemas iniciais desadaptativos e ajustamento psicológico em crianças e adolescentes*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa.
- van de Looij-Jansen, P. M., Goedhart, A. W., de Wilde, E. J., & Treffers, P. D. A. (2011). Confirmatory factor analysis and factorial invariance analysis of the adolescent self-report Strengths and Difficulties Questionnaire: How important are method effects and minor factors? *British Journal of Clinical Psychology*, 50, 127-144. doi:10.1348/014466510X498174
- van Genderen, H., Rijkeboer, M., & Arntz, A. (2012). Theoretical Model: Schemas,

- Coping Styles, and Modes. In M. van Vreeswijk, J. Broersen, & M. Nadort (Eds.), *The Wiley Blackwell Handbook of Schema Therapy: Theory, Research, and Practice* (pp. 27-40). West Sussex: John Wiley & Sons.
- Vasco, A. (2013). Sinto e penso, logo existo: abordagem integrativa das emoções. *Psilogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca*, 11(1), 37-44. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.10/1100>
- Vasco, A. B., Conceição, N., Silva, A. N., Ferreira, J. F., & Vaz-Velho, C. (2018). O (Meta)Modelo de Complementaridade Paradigmática (MCP). In I. Leal, *Psicoterapias* (pp. 340-361). Lisboa: PACTOR.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: The Guilford Press.
- Zumbo, B. D., Gadermann, A. M., & Zeisser, C. (2007). Ordinal Versions of Coefficients Alpha and Theta for Likert Rating Scales. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, 6(1), 21-29. doi:10.22237/jmasm/1177992180

Anexos

Anexo A - Quadro 1. Domínios e esquemas segundo Young et al. (2003)

Domínios	Esquemas	Descrição
<p>I – Desconexão e Rejeição</p> <p>A expectativa de que as necessidades de segurança, proteção, estabilidade, nutrição, empatia, partilha de sentimentos, aceitação, e respeito não serão satisfeitas de forma previsível. A família de origem típica é desapegada, fria, rejeitante, retraída, solitária, explosiva, imprevisível, ou abusiva.</p>	(1) Abandono/ Instabilidade	<p>A instabilidade ou falta de confiabilidade percebida nas pessoas disponíveis para apoio e conexão. Envolve a sensação de que outros significativos não serão capazes de continuar a fornecer apoio emocional, conexão, força, ou proteção porque eles são instáveis e imprevisíveis emocionalmente, não confiáveis, ou presentes apenas irregularmente, porque vão morrer em breve, ou porque irão abandonar o indivíduo a favor de alguém melhor.</p>
	(2) Desconfiança/ Abuso	<p>A expectativa de que os outros vão magoar, abusar, humilhar, trair, mentir, manipular, ou aproveitar-se da pessoa. Normalmente envolve a percepção de que o dano é intencional ou o resultado de negligência extrema e injustificada. Pode incluir a sensação de que a pessoa acaba sempre por ser enganada ou traída e que os outros vão sempre tentar usá-la para seu proveito pessoal.</p>
	(3) Privação Emocional	<p>A expectativa de que o desejo de apoio emocional não será adequadamente satisfeito pelos outros. As três principais formas de privação são: (a) Privação de Nutrição (ausência de atenção, afeto, carinho, ou companheirismo); (b) Privação de Empatia (ausência de compreensão, escuta, autorrevelação, ou partilha mútua de sentimentos com outros); e (c) Privação de Proteção (ausência de força, direção, ou orientação dos outros).</p>
	(4) Defeituosidade/ Vergonha	<p>O sentimento de que a pessoa é defeituosa, má, indesejada, inferior, ou inválida em aspetos importantes ou de que seria incapaz de ser amada pelos outros. Pode envolver hipersensibilidade à crítica, rejeição, e culpa, autoconsciência, comparações, e insegurança perto de outros, para além de vergonha em relação às falhas percebidas. Essas falhas podem ser privadas (p.e., egoísmo, raiva, ou desejos sexuais inaceitáveis) ou públicas (p.e., aparência física indesejável, ou constrangimento social).</p>

Quadro 1. Continuação

<p>II – Autonomia e Desempenho Deficitários</p> <p>Expetativas sobre o próprio e o ambiente que interferem com a capacidade percebida de separar, sobreviver, funcionar independentemente, ou desempenhar com sucesso. A família de origem típica é emaranhada, superprotetora, tende a diminuir a confiança da criança, ou falha em reforçar a criança pelo seu desempenho competente fora da família.</p>	(5) Isolamento Social/ Alienação	O sentimento de que a pessoa está isolada do resto do mundo, é diferente das outras pessoas, e/ ou não faz parte de qualquer grupo ou comunidade.
	(6) Dependência/ Incompetência	A crença de que a pessoa é incapaz de lidar com as responsabilidades diárias de forma competente, sem a ajuda considerável de outros (p.e., tomar conta de si próprio, resolver problemas diários, enfrentar novas tarefas, tomar boas decisões). Pessoas com este esquema apresentam-se frequentemente com passividade ou desamparo generalizados.
	(7) Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença	O medo exagerado de que uma catástrofe iminente irá ocorrer a qualquer momento e que a pessoa será incapaz de a impedir. Esse medo foca-se em um ou mais dos seguintes: (a) Catástrofes médicas (p.e., ataques cardíacos, ou SIDA); (b) Catástrofes emocionais (p.e., perder o controlo); e (c) Catástrofes externas (p.e., acidentes, crimes, ou sismos).
	(8) Emaranhamento/ Self Subdesenvolvido	A existência de envolvimento emocional e proximidade excessivos com uma ou mais pessoas significativas (normalmente os pais), em detrimento do processo de individuação e desenvolvimento social normativo. Envolve frequentemente a crença de que pelo menos um dos indivíduos emaranhados não consegue sobreviver ou ser feliz sem o apoio constante do outro. Pode também incluir sentimentos de vazio, sufoco ou fusão com outros, ou a falta de um sentido claro de identidade e direção.
	(9) Fracasso	A crença de que a pessoa falhou, irá inevitavelmente falhar, ou é fundamentalmente inadequada relativamente aos seus pares em áreas de realização pessoal (escola, carreira, desportos, entre outros). Envolve frequentemente crenças de que se é estúpido, inapto, sem talento, menos bem-sucedido e menos inteligente que os outros.

Quadro 1. Continuação

III – Limites Deficitários	(10) Noção de Direitos Especiais/ Sentimento de Grandiosidade	A crença de que a pessoa é superior aos outros, é merecedora de direitos e privilégios especiais, ou não está vinculada às regras de reciprocidade que orientam a interação social normal. Envolve a ideia de que a pessoa deveria ser capaz de fazer ou ter qualquer coisa que quisesse, independentemente do que é realista, razoável, ou do custo que tem para outros. Pode haver um foco exagerado na superioridade (p.e., estar entre os mais bem-sucedidos, famosos, ou ricos) de forma a obter poder ou controlo. Por vezes inclui competitividade excessiva para com outros ou necessidade de domínio, afirmando o seu poder, forçando o seu ponto de vista, ou controlando o comportamento de outros de acordo com os desejos do próprio, sem empatia ou preocupação com as necessidades e sentimentos dos outros.
Défices ao nível de limites internos, a par de dificuldades em cooperar e respeitar os direitos dos outros, assumir compromissos e definir e atingir objetivos pessoais realistas. A família de origem típica é caracterizada por permissividade, excesso de indulgência, falta de direção, ou um sentido de superioridade, disciplina, e limites em relação à tomada de responsabilidade, cooperação e definição de objetivos. Nalguns casos, a criança pode não ter sido estimulada a tolerar níveis normais de desconforto ou pode não lhe ter sido dada a adequada supervisão, direção, ou orientação.	(11) Autocontrolo/ Autodisciplina insuficientes	A dificuldade ou recusa generalizada em exercer autocontrolo e tolerância à frustração suficientes para atingir os objetivos pessoais ou para restringir a expressão excessiva de emoções e impulsos. Na sua forma mais suave, a pessoa apresenta uma ênfase exagerada na evitação do desconforto, evitando dor, conflito, confrontação, responsabilidade, ou esforço excessivo, em detrimento de realização, compromisso, ou integridade pessoais.
	(12) Subjugação	A renúncia excessiva de controlo aos outros devido à pessoa se sentir coagida, de forma a evitar raiva, retaliação, ou abandono. As duas principais formas de subjugação são: (a) Subjugação de necessidades (supressão das preferências, decisões e desejos do próprio) e (b) Subjugação de emoções (supressão de emoções, especialmente da raiva). Normalmente envolve a perceção de que os desejos, opiniões e sentimentos do próprio não são válidos ou importantes para os outros. Geralmente leva a um acumular de raiva, manifestada em sintomas desadaptativos (p.e., comportamento passivo-agressivo, explosões incontroláveis de temperamento, falta de afetividade, “acting out”, ou abuso de substâncias).

Quadro 1. Continuação

<p>IV – Foco excessivo nos outros</p> <p>Um foco excessivo nos desejos, sentimentos e respostas dos outros, em detrimento das necessidades do próprio, de forma a obter amor e aprovação, manter uma sensação de conexão ou evitar retaliações. Normalmente envolve falta de consciência e repressão dos seus próprios sentimentos e inclinações. A família de origem típica baseia-se na aceitação condicional, em que a criança deve reprimir aspetos importantes de si para obter amor, atenção e aprovação. Muitas vezes, os desejos e necessidades emocionais dos pais, ou a aceitação e estatuto sociais, são mais valorizados do que as necessidades e sentimentos da criança.</p>	<p>(13) Autossacrifício</p>	<p>O foco excessivo em, voluntariamente, atender às necessidades dos outros, em detrimento da sua própria gratificação. A pessoa fá-lo para evitar causar dor a outros, para evitar a culpa de se sentir egoísta, para aumentar a sua autoestima ou para manter uma ligação com alguém que percebe como necessitada. Este esquema resulta, normalmente, de uma elevada sensibilidade à dor dos outros. Pode levar à sensação de que as necessidades do próprio não estão a ser satisfeitas adequadamente e a um ressentimento para com aqueles que estão a ser cuidados.</p>
	<p>(14) Procura de Aprovação ou Reconhecimento</p>	<p>A ênfase excessiva em obter aprovação, reconhecimento, ou atenção dos outros ou em se enquadrar, em detrimento do desenvolvimento de um sentido de <i>self</i> seguro e genuíno. O sentido de autoestima é dependente, primariamente, das reações dos outros, e não das inclinações naturais do próprio. Por vezes, inclui uma ênfase excessiva no estatuto, aparência, aceitação social, dinheiro, ou conquistas como meios de obter aprovação, admiração, ou atenção. Resulta, frequentemente, em decisões importantes de vida deturpadas ou insatisfatórias, ou numa hipersensibilidade à rejeição.</p>
	<p>(15) Negatividade e Pessimismo</p>	<p>O foco geral e perpétuo nos aspetos negativos da vida (p.e., dor, morte, perda, frustração, ou culpa), a par de uma minimização ou negligência dos aspetos positivos. Normalmente inclui uma expectativa exagerada de que as coisas irão, eventualmente, correr seriamente mal, ou que os aspetos de vida que parecem estar a correr bem irão desmoronar-se. Envolve um medo desmesurado de cometer erros que possam levar a um colapso financeiro, a uma perda, humilhação, ou a ficar preso numa má situação.</p>

Quadro 1. Continuação

		Indivíduos com este esquema tendem a sentir uma forte preocupação e hipervigilância, a reclamar e lamentar-se, ou a ser indecisos.
<p>V – Hipervigilância e Inibição</p> <p>Uma ênfase excessiva em suprimir os sentimentos, impulsos e escolhas espontâneas do próprio ou em atingir expectativas e regras rígidas e internalizadas sobre o seu desempenho e comportamento ético, normalmente em detrimento da sua própria felicidade, autoexpressão, relaxamento, relações próximas, ou saúde. A família de origem típica é austera, exigente, e por vezes punitiva: o desempenho, o dever, o perfeccionismo, o cumprimento de regras, o esconder de emoções, e o evitamento de erros predominam sobre o prazer, a alegria e o relaxamento. Normalmente há uma subcorrente de pessimismo e preocupação de que as coisas podem desmoronar-se se não se estiver sempre vigilante e cuidadoso.</p>	(16) Inibição Emocional	A inibição excessiva de ação, sentimento, ou comunicação espontâneos, geralmente para evitar a desaprovação dos outros, sentimentos de vergonha, ou perda de controlo dos impulsos. As áreas de inibição mais comuns envolvem: (a) inibição de raiva e agressão; (b) inibição de impulsos positivos (p.e., alegria, afeto, excitação sexual, brincadeira); (c) dificuldade em expressar vulnerabilidade ou em comunicar livremente sobre os próprios sentimentos ou necessidades; ou (d) ênfase excessiva na racionalidade, negligenciando as emoções. Pessoas com este esquema têm, normalmente, uma aparência monótona, constrangida, distante, ou fria.
	(17) Padrões elevados/ Hiper criticismo	A crença subjacente de que a pessoa deve esforçar-se para atingir padrões internalizados extremamente elevados de comportamento e desempenho, geralmente para evitar a crítica. Normalmente resulta em sentimentos de pressão constante e num hiper criticismo em relação ao próprio e aos outros. Envolve défices significativos no prazer, relaxamento, saúde, autoestima, sentido de realização pessoal, ou em relações satisfatórias. Os padrões elevados apresentam-se tipicamente como (a) perfeccionismo, atenção excessiva ao detalhe, ou uma subestimação do desempenho do próprio; (b) regras rígidas em várias áreas da vida, incluindo normas morais, éticas, culturais, ou religiosas incrivelmente elevadas; ou (c) preocupação com tempo e eficácia, a necessidade de alcançar mais.
	(18) Punitividade	A crença de que as pessoas devem ser severamente punidas por cometer erros. Envolve a tendência para estar irritado, ser intolerante, punitivo, e impaciente com as pessoas (incluindo o próprio) que não atingem as suas expectativas e padrões. Normalmente inclui uma dificuldade em perdoar erros a si mesmo e aos outros devido a uma relutância em considerar circunstâncias extenuantes, permitir a imperfeição humana, ou empatizar com sentimentos.

Anexo B

Pedido de Colaboração ao Diretor do Agrupamento de Escolas

Exmo./a Sr./a Diretor/a,

Vimos por este meio solicitar a Vossa disponibilidade para colaborar numa investigação no âmbito de três dissertações de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Prof.^a Doutora Isabel Sá. A investigação tem como objetivo conhecer melhor o funcionamento e desenvolvimento dos adolescentes. Desta forma, o estudo pretende reunir uma amostra de adolescentes, com idades compreendidas entre os dez e os dezoito anos.

Para esse efeito, vimos junto de V. Exa solicitar autorização para a participação de alguns alunos do Agrupamento de Escolas neste estudo. A participação consiste no preenchimento de cinco questionários, em sala de aula, cuja duração prevista é de 50 minutos.

A participação dos alunos no presente estudo é **voluntária**, sendo que poderão desistir a qualquer momento, sem que isso implique qualquer tipo de consequência para o mesmo. O anonimato dos participantes será garantido, bem como a confidencialidade sobre a identificação das escolas e dos dados recolhidos.

Previamente à aplicação dos questionários, serão enviados formulários de consentimento informado aos encarregados de educação, de forma a autorizar a participação dos jovens.

Desde já agradecemos a atenção e disponibilizamo-nos para, se necessário, esclarecer alguma dúvida relativa à presente investigação, através dos seguintes endereços de *e-mail*:

adrianaferreira1997@gmail.com;

ana.carolina.afonso@campus.ul.pt;

marianasantos2@campus.ul.pt

(Adriana Ferreira; Ana Carolina
Afonso; Mariana Santos)

(Sob a orientação da Prof. Doutora
Isabel Sá)

Anexo C

Consentimento Informado para Encarregados de Educação

Pedido de Participação em Investigação – Consentimento Informado

Exmo./a Sr./a Encarregado/a de Educação,

No âmbito de três dissertações de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está em desenvolvimento uma investigação, sob a orientação da Prof^a Doutora Isabel Sá, que pretende conhecer um pouco melhor o funcionamento e desenvolvimento dos adolescentes. Desta forma, a presente investigação pretende estudar os Esquemas Precoces Maladaptativos, a Perceção da relação pais-filhos, a Desregulação Emocional, e Problemas Comportamentais e Emocionais e o Impacto Subjetivo no Ajustamento Social, na adolescência.

Neste sentido, vimos por este meio solicitar o seu consentimento para a participação do seu/sua educando/a nesta investigação, através do preenchimento de cinco breves questionários, em sala de aula, cuja duração prevista é de 50 minutos.

A participação do/a seu/sua educando/a no presente estudo é voluntária, anónima, sendo que as informações requeridas não serão identificativas do seu educando, e confidencial, pois a identidade do seu(a) educando/a não será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não envolvida diretamente neste estudo. O seu/sua educando/a poderá desistir a qualquer momento, sem que isso implique qualquer tipo de consequência para o mesmo.

Caso tenha alguma dúvida relativamente à presente investigação ou à participação do/a seu/sua educando/a, poderá entrar em contacto através de um destes e-mails: adrianaferreira1997@gmail.com, ana.carolina.afonso@campus.ul.pt, marianasantos2@campus.ul.pt.

Se desejar, poderá também solicitar que lhe seja enviada, quando disponível, informação sobre os principais resultados da investigação.

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade,

Adriana Ferreira; Ana Carolina Afonso; Mariana Santos

Recorte pelo picotado e entregue, devidamente preenchido e assinado, ao Diretor de Turma:

Eu, _____ Encarregado/a _____ de _____ educação _____ do/a _____ aluno/a _____, tomei conhecimento dos objetivos da investigação e **autorizo/ não autorizo** a participação do/a meu/minha educando/a neste estudo.
Declaro ainda que li e compreendi o conteúdo do consentimento informado e considero que fui devidamente esclarecido/a sobre os aspetos que considero relevantes.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Anexo D

Instruções de participação e instrumentos aplicados aos participantes



INSTRUÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO

Estamos interessados em compreender melhor alguns aspetos relacionados com o funcionamento e desenvolvimento dos adolescentes. Desta forma, pretendemos estudar os Esquemas Precoces Maladaptativos, a Perceção da Relação Pais-filhos, a Desregulação Emocional, os Problemas Comportamentais e Emocionais e o Impacto Subjetivo no Ajustamento Social, e a Satisfação com a Vida, na adolescência. Para isso precisamos da tua participação.

Lê atentamente todas as questões e responde aos questionários que se seguem.

Terá uma duração aproximada de 50 minutos.

Lembra-te que não existem respostas certas nem erradas, pelo que pedimos que respondas com sinceridade e que escolhas a resposta que mais se identifique com o que tu pensas e sentes.

Não escrevas o teu nome ou outro elemento que te identifique nos questionários.

A tua participação é voluntária, sendo que podes desistir a qualquer momento, sem que isso implique quaisquer consequências. Garantimos o anonimato, sendo que as informações requeridas não permitem a tua identificação, assim como a confidencialidade, pelo que os dados não serão revelados em nenhuma ocasião e/ou a qualquer pessoa não envolvida diretamente no estudo.

Responde a **todas** as questões e se tiveres dúvidas, pergunta ao responsável presente.

Obrigada pela tua participação!

Formulário de Dados Sociodemográficos

Idade: _____

Sexo:

- Masculino ☐
- Feminino ☐

Ano de Escolaridade: _____

Naturalidade: _____

Inventário de Esquemas para Crianças

Lê com atenção cada uma das frases e indica em que grau correspondem ao que tu costumavas fazer ou pensar, assinalando o número correspondente da seguinte escala:

1 - Discordo Fortemente 2- Discordo 3 – Concordo 4 – Concordo Fortemente

	Discordo Fortemente	Discordo	Concordo	Concordo Fortemente
1. Os meus pais sabem sempre onde estou e o que estou a fazer	1	2	3	4
2. Não mereço que gostem de mim	1	2	3	4
3. Se aqueles de quem eu gosto descobrissem o meu lado desagradável, não iriam querer estar comigo	1	2	3	4
4. Muitas vezes tenho medo que me deixem ficar mal	1	2	3	4
5. Fico zangado comigo próprio se cometer erros	1	2	3	4
6. Quando penso em fazer algo, acabo por não o fazer	1	2	3	4
7. Não consigo resolver problemas sozinho	1	2	3	4
8. Digo sempre aos meus pais o que faço na escola	1	2	3	4
9. Eu não sinto que pertença a um grupo	1	2	3	4
10. Sinto-me sempre mal se um/a amigo/a não quer estar comigo, porque tenho medo que já não queira ser meu amigo/a	1	2	3	4
11. Se as pessoas da minha idade soubessem como realmente sou, não iam querer ser minhas amigas	1	2	3	4
13. Ouço sempre com atenção o que o/a professor/a me diz porque quero que goste de mim	1	2	3	4
14. Esqueço-me muitas vezes de fazer coisas mesmo quando prometi fazê-las	1	2	3	4

15. Quando estou num grupo com pessoas da minha idade sinto-me posto/a de parte	1	2	3	4
16. Às vezes preocupa-me a possibilidade de perdermos todo o nosso dinheiro e ficarmos pobres	1	2	3	4
17. Muitas vezes tenho medo de ficar muito doente	1	2	3	4
18. Sinto-me envergonhado porque não sou bom em nada	1	2	3	4
19. Ninguém me presta atenção	1	2	3	4
20. As pessoas são muitas vezes desonestas	1	2	3	4
21. Sou muito tímido/a para mostrar que gosto de outra pessoa	1	2	3	4
22. Sinto dificuldade em defender as minhas ideias	1	2	3	4
23. Tenho sempre a sensação de que alguma coisa horrível vai acontecer	1	2	3	4
24. Eu sou mais importante do que as outras pessoas da minha idade	1	2	3	4
25. Eu tenho de fazer o que os outros querem, ou não vão gostar de mim	1	2	3	4
26. O meu trabalho nunca é bom o suficiente; penso sempre que posso fazer melhor	1	2	3	4
27. Tenho muitas vezes medo que alguém de quem gosto possa morrer	1	2	3	4
28. Estou sempre a tentar agradar aos outros	1	2	3	4
29. Sinto-me mal se achar que não fiz o meu melhor	1	2	3	4
30. Ninguém me ouve realmente	1	2	3	4
31. Nunca podemos confiar nos outros	1	2	3	4
32. Eu acho que devia conseguir sempre o que pretendo	1	2	3	4

33. Esforço-me muito para ser simpático com as pessoas	1	2	3	4
34. Eu não quero ser tratado como os outros da minha idade porque sou especial	1	2	3	4
35. Muitas vezes tenho de me proteger dos outros	1	2	3	4
36. As pessoas da minha idade são melhores do que eu em tudo	1	2	3	4
37. Faço muitas coisas sem pensar de que mais tarde me arrependo	1	2	3	4
38. Sou mais estúpido que a maioria das pessoas da minha idade	1	2	3	4
39. Preciso de muito mais ajuda do que os outros da minha idade	1	2	3	4
40. Não me sinto confortável ao pé de outras pessoas	1	2	3	4

(Adaptado de Rijkeboer M. M. & de Boo, G. M., 2009 - *Schema Inventory for Children*)

(Versão portuguesa de Diana Teixeira, 2010)

Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental Integrativa

OS MEUS PAIS

A seguir está um conjunto de frases que descrevem as relações entre pais e filhos. Para cada uma delas indica em que medida é verdadeira no teu caso, usando a seguinte escala:

	1 Nunca	2 Às vezes	3 Muitas Vezes	4 Sempre
1. Os meus pais preocupam-se muito comigo	1	2	3	4
2. Os meus pais deixam-me explorar o mundo à minha volta.	1	2	3	4
3. Os meus pais e eu somos tão próximos que nos compreendemos perfeitamente	1	2	3	4
4. Os meus pais deixam-me fazer o que eu gosto	1	2	3	4
5. Os meus pais zangam-se e criticam-me quando faço uma coisa errada	1	2	3	4
6. Os meus pais querem saber tudo o que eu faço	1	2	3	4
7. Os meus pais fazem-me sentir especial	1	2	3	4
8. Os meus pais gostam que eu passe o meu tempo com outras pessoas	1	2	3	4
9. Os meus pais não me ajudam quando eu preciso	1	2	3	4
10. Os meus pais deixam-me fazer coisas que me interessam	1	2	3	4
11. Os meus pais esperam que eu dê sempre o meu melhor	1	2	3	4
12. Não sei o que fazer se os meus pais não estiverem por perto	1	2	3	4
13. Os meus pais deixam-me fazer o que eu quero	1	2	3	4
14. Os meus pais não expressam o que estão a sentir	1	2	3	4
15. Os meus pais ficam satisfeitos por eu gostar de estar com amigos ou pessoas da minha idade	1	2	3	4
16. Os meus pais têm tempo para estar comigo e fazermos coisas juntos	1	2	3	4

17. Os meus pais obrigam-me a cumprir os meus deveres	1	2	3	4
18. Os meus pais elogiam-me quando faço uma tarefa bem feita	1	2	3	4
19. Os meus pais dizem-me sempre o que fazer	1	2	3	4
20. Os meus pais são carinhosos	1	2	3	4
21. Os meus pais impõem-me regras e limites	1	2	3	4
22. Os meus pais mostram interesse pelas coisas que faço	1	2	3	4
23. Tenho sempre de fazer o que os meus pais querem	1	2	3	4
24. Quando estou chateado, os meus pais fazem-me sentir melhor	1	2	3	4

Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-Por)

A11-17

Instruções: Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas marca, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responderes a todas as afirmações o melhor que puderes, mesmo que não tenhas a certeza absoluta ou que a afirmação te pareça estranha. Por favor, responde baseando-te na forma como as coisas te têm corrido nos últimos seis meses.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
Tento ser simpático/a com as outras pessoas. Preocupo-me com o que sentem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou irrequieto/a, não consigo ficar quieto/a muito tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vômitos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de partilhar com os outros (comida, jogos, esferográficas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou quase sempre sozinho/a, jogo sozinho/a. Sou reservado/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Normalmente faço o que me mandam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Preocupo-me muito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sossego, estou sempre a mexer as pernas ou as mãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho pelo menos um bom amigo/uma boa amiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ando sempre á pancada. Consigo obrigar os outros a fazer o que eu quero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ando muitas vezes triste, desanimado/a ou a chorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os meus colegas geralmente gostam de mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou sempre distraído/a. Tenho dificuldades em me concentrar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fico nervoso/a em situações novas. Facilmente fico inseguro/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou simpático/a para os mais pequenos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sou muitas vezes acusado/a de mentir ou enganar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras crianças ou jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gosto de ajudar os outros (pais, professores ou outros jovens)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso nas coisas antes de as fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tiro coisas que não são minhas, em casa, na escola ou noutros sítios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho muitos medos, assusto-me facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente acabo o que comeco. Tenho uma boa atenção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tens algum outro comentário ou preocupação? Descreve.

Muito obrigado pela tua ajuda

© Robert Goodman, 2005